



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ELISSANDRA FÉLIX DOS SANTOS MEDRADO

**O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA NA
ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**

**AMARGOSA-BA
2021**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

ELISSANDRA FÉLIX DOS SANTOS MEDRADO

O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA NA
ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS DAS PROFESSORAS
ALAFABETIZADORAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal Do Recôncavo da Bahia como requisito parcial à obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade

AMARGOSA-BA
2021

ELISSANDRA FÉLIX DOS SANTOS MEDRADO

**TÍTULO: O PROCESSO DA LEITURA E DA ESCRITA NA
ALFABETIZAÇÃO: DESAFIOS DAS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal Do Recôncavo da Bahia como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovado em 30 de setembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Maria Eurácia Barreto de Andrade (Orientadora)

Doutora em Educação

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Gilsélia Macedo Cardoso Freitas

Doutora em Educação

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB



Sirlândia Reis de Oliveira Teixeira

Doutora em Educação

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB

Amargosa-BA

2021

Dedico carinhosamente este trabalho a Deus pelo dom da vida, sem ele eu não sou nada. Meu refrigerio e escritor da minha história. Gratidão Senhor!
Ao meu Esposo, Alberto de Jesus Medrado. Amo-te!

“Por trás da mão que pega o lápis, dos olhos que olham, dos ouvidos que escutam, há uma criança que pensa. ”

(Emília Ferreiro)

AGRADECIMENTOS

Este versículo Bíblico me define “*Melhor é o fim das coisas do que o início delas*” (*Eclesiastes 7:8*). Porque amados, logo no início é tudo muito difícil, é algo novo, conhecimentos diferentes, no entanto, não havendo persistência, desistimos com facilidade, portanto, não alcançamos os nossos objetivos. Quanto ao fim das coisas é melhor pois é no fim, após várias lutas, medos e desafios vencidos, que conseguimos o que tanto almejamos. GLORIAS A TI SENHOR!

É aquela coisa: sozinho você vai longe, acompanhado você DECOLA!

A felicidade invadiu meu peito e tomou minha alma, não pelo título de Pedagoga, mas pela minha trajetória de chegar até aqui. As experiências vivenciadas, as aprendizagens construídas e desconstruídas, as amizades feitas e todas as pessoas que tive a oportunidade de conhecer durante o curso. Essa comemoração não é apenas MINHA, mas, primeiramente de DEUS; depois dos meus PAIS que nunca deixaram de acreditar em mim e por fim da minha FAMÍLIA por eu ser a primeira a ingressar numa Universidade Pública da Bahia.

A Deus, primeiramente, minha eterna GRATIDÃO!!! Sem a fé e esperança que tive, não poderia conseguir tamanha realização desse sonho. Sei que do princípio até este exato momento o Senhor estava ao meu lado, carregando minhas forças, renovando minhas energias, deixando o fardo mais leve e iluminando meus passos. Foram dias de lutas, medos, inseguranças e desafios, mas posso afirmar que todo o processo valeu apenas e dizer: Eu consegui, PAI! SENHOR, obrigada por essa linda PROMESSA!

A Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, por oportunizar a minha entrada no curso, contribuindo grandemente na minha formação de forma significativa.

A esta mulher, Mãe, trabalhadora e Amiga, Ester Jesus dos Santos. A ti Mainha, que é minha referência, meu muito obrigada! Sem seu amor incondicional, sem sua proteção e também puxões de orelhas, talvez, não conseguiria. Essa conquista é nossa!

Ao meu pai, homem de fibra, lutador e trabalhador, Manoel Félix dos Santos, gratidão! Sempre demonstrou confiança em mim e em suas falas passava palavras de encorajamento e amor.

A você Amor, Alberto de Jesus Medrado, meu esposo, amigo, companheiro, sem sua tamanha disposição em me ajudar, não chegaria até aqui. Você teve uma contribuição muito importante na minha vida; no início éramos apenas namorados, depois ficamos noivos, e hoje

somos casados com as bênçãos de Deus, sua ilustre participação foi abrangente. Esse triunfo é nosso meu amor!

A minha orientadora, maravilhosa, autêntica e amorosa, Prof^a Dr^a Maria Eurácia Barreto de Andrade, por total disposição, paciência, apoio, amor e acolhimento na construção deste trabalho. Sem seu carisma não seria possível a realização desse trabalho. Meu muito obrigada de coração.

Agradeço afetosamente, a todos (as) os (as) professores e colegas que colaboraram para o meu conhecimento, pessoal e profissional. Vocês serão sempre lembrados no meu coraçãozinho.

Aos Amigos, em especial, Lilian Santiago, amiga fora da academia, acreditando sempre no meu potencial, em que diversas vezes incentivou a perseverar, acreditando em mim. Quantas vezes você se alegrou e chorou comigo, ah! Minha amiga, obrigada por sua existência, por ser esse ser de luz, por ter esse coração tão grande. Lembro-me de um período da minha vida, que eu estava sem dinheiro nenhum e você abriu seu porquinho e me cedeu algumas moedas para eu imprimir um currículo, que gesto lindo e cheio de amor. Teve outra situação também que tirei dez em uma disciplina, e quando eu te disse, você disse “Minha neguinha é inteligente tirou dez”, você se alegrava com minhas conquistas, por menor que fossem, você ficava radiante. Gratidão minha parceira!

As minhas duas amigas do coração, Beatriz Soares e Beatriz Araújo, amigadas construídas na Universidade para a vida, motivadoras e parceiras em tudo, nunca soltou as minhas mãos, tivemos tantos episódios, que daria um livro para escrever, nossos encontros de trabalhos, nossos momentos uma na casa da outra, na faculdade, a gente estávamos em tudo, colamos em tudo, ninguém soltava a mão de ninguém. Obrigada pela surpresa linda que fizeste no meu aniversário dos trinta anos, eu amei e jamais me esquecerei desse dia inesquecível. Vocês arrasam em tudo que faz. APRENDI MUITO COM VOCÊS!

Clediane Maurícia, referência em sabedoria, Taiane Souza, mulher de fibra; e a toda a turma de Pedagogia 2016.1. Todos vocês proporcionaram momentos essenciais para meu crescimento, enaltecendo a prosseguir na minha caminhada acadêmica.

A minha amiga e irmã em Cristo, Juciara Santos, onde tive o privilégio de trabalhar juntas no mercado de trabalho, a sua intercessão, disponibilidade em me ouvir nos momentos

difíceis e bons, foram essenciais para o meu crescimento, as suas palavras dóceis, passando força e segurança, foram extremamente especial. OBRIGADA POR CADA ORAÇÃO!

Por fim, a todos aqueles que fizeram parte desse processo diretamente e indiretamente da minha formação, ajudando em refletir qual ser humano quero me tornar.

Gratidão, a todos, sem exceções.

RESUMO

MEDRADO, Elissandra Félix dos Santos. *O processo da Leitura e da Escrita na Alfabetização: desafios das professoras alfabetizadoras*. Trabalho de conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia). Centro de Formação de Professores, Universidade Federal Do Recôncavo da Bahia, 2021.

A presente monografia intitulada “O processo da leitura e da escrita na alfabetização: desafios das professoras alfabetizadoras” tem como finalidade compreender quais os desafios enfrentados pelas professoras alfabetizadoras no processo de alfabetização das crianças e suas possibilidades de intervenção nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dessa maneira, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa qualitativa e de campo em que os dados foram produzidos mediante entrevista com duas professoras alfabetizadoras de uma escola do município de Amargosa. Para respaldar as nossas reflexões, nos apoiamos em alguns autores clássicos e contemporâneos que se debruçam a discutir sobre a temática em pauta, visando compreender as concepções das alfabetizadoras sobre os processos e desafios da construção da leitura e da escrita dos educandos. Dentre os autores, destacamos Emília Ferreiro (1993, 1999, 2001), Paulo Freire (1975, 1988, 1992, 2018) Magna Soares (1985, 1998, 2003, 2004) e Francisca Lustosa (1980) que contribuíram sobremaneira para refletirmos sobre o objeto de estudo em pauta. Os dados verificados, posteriormente às narrativas das professoras alfabetizadoras, evidenciam que são muitos os desafios para alfabetizar, considerando que nesse processo de alfabetizar há um caminho logo a ser percorrido, no entanto, existem muitas possibilidades pedagógicas para o enfrentamento dos desafios que também precisam ser pesquisadas e evidenciadas.

Palavras-chave: Alfabetização, Leitura , Escrita , Desafios, Possibilidades e Professoras alfabetizadoras.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
II. ALFABETIZAÇÃO(ÕES): CONCEITOS E DESAFIOS	16
2.1 ALFABETIZAÇÃO E SEU MOVIMENTO CONCEITUAL: DO RUDIMENTAR AO FUNCIONAL	16
2.2 ALFABETIZAÇÃO E OS DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA	27
III. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	33
3.1 CARATERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA	33
3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA	34
3.3 PROCEDIMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	37
IV. AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS EM CENA: CONCEPÇÕES E DESAFIOS	45
4.1 CONCEPÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA.....	42
4.2 DESAFIOS ENFRENTADOS NA PRÁTICA ALFABETIZADORA.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICES	54

INTRODUÇÃO

Esta monografia é fruto de um estudo que buscou investigar os desafios do processo da alfabetização das professoras alfabetizadoras nos anos iniciais do Ensino Fundamental, a fim de compreender os processos, os desafios e as intervenções frente a difícil tarefa de alfabetizar crianças. Apesar de a alfabetização ser comumente realizada na escola, a maioria dos pais já inicia esse processo em casa com seus filhos, possibilitando o contato com a prática do ato de ler. Assim, em concordância com o autor Paulo Freire (1988), que em seu livro “A importância do ato de ler” expressa que:

[...] o ato de ler [...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas [...] se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1988, p. 11-12).

Pode-se dizer, então, que as práticas de leituras aceleram o processo de construção da alfabetização e através da escrita e fala nos comunicamos uns com os outros, mantendo esse intercâmbio social e indispensável ao mundo.

Desta forma, essa leitura é extremamente relevante, considerando que o contato com a leitura e a escrita promove maior familiaridade das crianças com a linguagem e facilita o processo de apropriação da base alfabética, além de outras aprendizagens que são de muita importância para o início do processo de construção da leitura e da escrita.

Nessa perceptiva, a alfabetização caminha não apenas no “chão” da escola, mas também em seus lares e respectivamente em todos os espaços, seja por meio da “leitura de mundo” ou pelo processo formal da aquisição e apropriação do sistema alfabético e ortográfico no contexto escolar. Termos aqui compreendido, segundo a concepção defendida por Soares (2003, p.14), referindo-se “[...] ao processo de aquisição e apropriação do sistema de escrita alfabético e ortográfico [...] e como decorrência a importância de que a alfabetização se desenvolva num contexto de letramento – entendido este, no que se refere à

etapa inicial do aprendizado da escrita, como participação em eventos variados de leitura e de escrita, e o conseqüentemente desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais que envolvem a linguagem escrita, e de leitura positiva em relação a essas práticas’.

Diante da abordagem apresentada, destaca-se que as principais razões para a realização desta pesquisa foram de âmbito acadêmico e pessoal. A primeira motivação se deu ao realizar uma atividade de intervenção no componente curricular *Prática Reflexiva em Alfabetização* no 4ª semestre do Curso de Pedagogia. Na realização da referida intervenção, em uma escola do município de Amargosa, na turma do 1º ano do ensino fundamental, tive oportunidade de realizar oficina de jogos pedagógicos alfabetizadores e diagnóstico das hipóteses¹ da construção de escrita das crianças inseridas.

Além das discussões teórico-conceituais no componente, foi possível a realização de ações no cotidiano da classe de alfabetização e as intervenções realizadas foram com dois jogos educativos, efetivando em único dia na escola. A partir do desenvolvimento da atividade, foi observado que algumas crianças se encontravam com dificuldade para reconhecer as palavras para formar sílabas, o que nos chamou atenção. Diante desse cenário, as experiências vivenciadas em tão pouco tempo, despertou-me o interesse em desenvolver a pesquisa intitulada: *O processo da leitura e da escrita na alfabetização: desafios das professoras alfabetizadoras*.

Além disso, esta experiência me fez lembrar o meu² processo de alfabetização e as implicações familiares neste contexto, uma vez que meus pais sempre estiveram presentes na minha formação escolar, porém não diretamente, pois eles, por terem um tempo curto, decidiram me colocar em uma “banca” para orientação das minhas tarefas. A ausência física deles não era por falta de vontade, mas por não ter conhecimento para esse suporte. Minha mãe, que é alfabetizada, procurava sempre saber do meu desenvolvimento e dizia “o estudo é

¹ Oficina de jogos pedagógicos alfabetizadores e diagnóstico das hipóteses da construção de escrita das crianças inseridas. Jogo 1 “Roleta da aprendizagem”, foi possível os educandos identificarem os nomes dos animais através da junção de sílabas, influenciando a desenvolver o seu processo de leitura, associando o som da fala com a escrita. O jogo 2, “Pebolim alfabetizador”, consiste em possibilitar em trabalhar a coordenação motora, regras, raciocínio, leitura, concentração e reciclagem, pois no momento do jogo, permite uma atenção para desempenhar o jogo, contendo uma varinha que fica para rodar e alcançar a bolinha que fica dentro da caixa e assim fazer o gol e no fundo da caixa tem o alfabeto representado através de nomes, objetos e animais.

² Nessa parte do trabalho, utilizo a primeira pessoa do singular ao descrever sobre minha caminhada acadêmica. Nos capítulos subsequentes, utilizo a terceira pessoa do plural.

*tudo que temos e sem ele não somos nada*³”. A sua contribuição e participação sempre foi ativa na minha Educação. Já meu pai, pouco escolarizado, só sabia escrever seu nome por ter decorado as letras, sempre acreditou na educação e dizia: “*estuda filha, o conhecimento ninguém tira de nós*”⁴. Assim, com essa experiência pessoal, identifiquei a importância e compromisso na minha trajetória, e vejo como é importante a educação e tudo começa com o processo de alfabetização, pilar de todo processo de escolarização.

Diante das motivações para este trabalho de tanta relevância, podemos considerar que a alfabetização deve ser compreendida como um estudo contínuo, estendendo-se por toda a vida, no qual os saberes futuros não se limitam em leitura e escrita. Conforme afirma Soares (1985, p. 20), “[...] é preciso diferenciar um processo de aquisição da língua (oral, escrita) de um processo de desenvolvimento da língua (oral e escrita); este último é que, sem dúvida, nunca se interrompe”. Desta forma, associamos esse processo da alfabetização acerca da escrita e fala que por certo excede os códigos e a decodificação, ou seja, a escrita leva habilidades e desenvoltura com um passar do tempo na edificação da aprendizagem. Com a nossa capacidade, conseguimos evoluir cotidianamente.

Conforme enuncia Lustosa (1980, p.1), “os processos educativos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita são importantes para caracterizar os diferentes posicionamentos e as práticas desenvolvidas pelos professores frente a essa tarefa”. Segundo a autora, esse compromisso é atribuído ao trabalho docente. Com certeza, o educador observa que cada sujeito parte de suas peculiaridades no desenvolvimento dos saberes. Logo, a aprendizagem do sujeito passa por variações ao longo da vida e essa evolução se dá individualmente a partir das suas referências, mas associada aos diversos fatores envolvidos.

³ Após esta afirmação da Minha Mãe, percebi que ao adentrar na Universidade, surgiram várias reflexões e vejo que a visão não é esta, sobretudo entendo que o estudo é base e o nosso alicerce. Assim, sem o estudo as coisas ficam mais estreitas ao invés de largas, e independente de uma formação, somos alguém sim, somos seres inacabados, aprendemos algo novo todos os dias, levando consigo marcas e raízes. Nem sempre é possível a conciliação de estudo e trabalho, na maioria das vezes, somos obrigados a optar por um. Essa postura de Minha Mãe, me fez pensar que é através da Educação que somos libertos. Assim Freire diz: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. (Paulo Freire)

⁴ É importante esclarecer que ao entrar na faculdade tive outros pensamentos referente à educação, visto que a educação é o futuro. Com isso, as vezes o estudo vamos deixando para segundo plano, afinal, a educação não está ligada diretamente a sobrevivência, mas à vivência em sociedade. Tais compreensões nos alertam a refletir acerca da força que a educação tem nas nossas vidas e além disso, tem aqueles que sonham e desejam, e entendem que é necessário enxergar o mundo a partir de si mesmo. Desta forma, o acesso há uma Universidade possibilita abriremos os nossos olhos e enxergarmos que nesse espaço vamos se constituindo e afirmando nossas concepções.

Diante das abordagens apresentadas e da relevância de refletirmos sobre os contextos mencionados, moveu-se a seguinte problemática de estudo: quais os desafios enfrentados pelas professoras alfabetizadoras no processo de alfabetização das crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental? Para melhor entendimento acerca da questão mobilizadora, o objetivo geral consiste em: compreender as concepções e desafios enfrentados pelas professoras no processo de alfabetização das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Este objetivo geral foi delimitado em dois específicos que são: **i.** Identificar a concepção das professoras alfabetizadoras sobre alfabetização e os processos de construção da leitura e da escrita; **ii.** Compreender os desafios enfrentados pelas professoras alfabetizadoras no processo alfabetizador.

Para respaldar esse estudo, alguns levantamentos teóricos foram fundamentais para legitimar as discussões, garantindo diálogo e articulação com o objeto de pesquisa e os dados colhidos no campo empírico, tais como Emília Ferreiro (1993, 1999, 2001), Freire (1975, 1988, 1992, 2018), Soares (1985, 1998, 2003, 2004), Francisca Lustosa (1988) dentre outros pesquisadores contemporâneos que se debruçam sobre as questões do processo de alfabetização da leitura e da escrita.

Nesse momento de diálogos, foi possível identificar, a partir de Ferreiro (2001), que a alfabetização pode ser compreendida como o reconhecimento de uma linguagem, que é semelhante à escrita. Processo este que é universal, pois acontece com todas as crianças, no entanto cada uma se desenvolve e avança no seu tempo. Ainda de acordo com a referida autora, a alfabetização é representada durante as hipóteses que a criança faz e essas podem apresentar através de imagens e códigos, demonstrando sua interpretação.

Em consonância com Ferreiro (2001), Soares (1998), por meio de uma compreensão social e transformadora, compreende a alfabetização como mudanças sociais, onde o sujeito alfabetizado tem voz e é capaz de lutar por melhorias, sendo um ser criativo e autônomo no seu desenvolvimento por meio social e cultural que se insere e assim com a capacidade de refletir e autoconhecer seu potencial no processo de ler o mundo.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, a metodologia aplicada foi de abordagem qualitativa e de campo, tendo como instrumento de produção de dados a entrevista semiestruturada, realizadas com duas professoras alfabetizadoras de uma escola pública do município de Amargosa.

Por tudo isso, a presente monografia está estruturada da seguinte forma: o primeiro capítulo a introdução, na qual é apresentada a abordagem geral do trabalho, com justificativa, relevância do trabalho, problema, objetivos, discussão teórica e caminhos metodológicos da averiguação.

O segundo capítulo, apresenta a fundamentação teórica, contemplando um pouco do movimento cronológico sobre a trajetória da alfabetização no Brasil, além de reflexões relevantes sobre alfabetização e os desafios da prática pedagógica.

O terceiro capítulo, é destinado a apresentar os caminhos metodológicos da pesquisa, inicialmente, evidenciando a caracterização do campo da pesquisa e os sujeitos, em seguida a abordagem metodológica, como foi feita a produção dos dados e, por fim, os caminhos trilhados no campo junto às colaboradoras.

O quarto capítulo, dedica-se a análise das narrativas das professoras alfabetizadoras. Dois tópicos são contemplados, o primeiro buscando compreender as concepções sobre alfabetização e seus processos de leitura e escrita e o segundo, buscando compreender os desafios das professoras, trazendo fragmentos de suas narrativas frente a essa tarefa tão desafiadora.

Diante do exposto, acredita-se que esta pesquisa irá contribuir de forma efetivamente no campo da alfabetização, no sentido de melhor conhecer as concepções das professoras e suas práticas alfabetizadoras na sala de aula. Além disso, contribuirá, sobremaneira, para compreendermos os desafios enfrentados no cotidiano alfabetizador das professoras pesquisadas.

II. ALFABETIZAÇÃO(ÕES): CONCEITOS E DESAFIOS

O presente capítulo tem a finalidade de abordar sobre o contexto histórico da alfabetização, apresentando o movimento cronológico do processo de alfabetizar, refletindo sobre os processos ao longo dos tempos. Dois tópicos são aqui contemplados: o primeiro evidenciando o cenário histórico da alfabetização no Brasil e o segundo refletindo sobre os conceitos da alfabetização e os desafios na prática docente.

2.1 ALFABETIZAÇÃO E SEU MOVIMENTO CONCEITUAL: DO RUDIMENTAR AO FUNCIONAL

Refletir sobre o processo da leitura e da escrita na alfabetização como foco nas concepções e desafios das professoras alfabetizadoras, requer uma retomada histórica e conceitual sobre a alfabetização no Brasil para que possamos melhor compreender a sua materialidade ao longo dos anos e assim situar o lugar ocupado nos dias atuais.

Nesse sentido, Boto (2011) esclarece que estudar a alfabetização se torna importante por ser um dos instrumentos mais significativos na área da educação e alerta para a necessidade de pensar os conceitos de escola e debruçar pedagogicamente sobre os conhecimentos inerentes a leitura e escrita. Nas suas palavras afirma: “como compreender a educação moderna sem conceber a habilidade da leitura como requisito de um repertório intrínseco à própria constituição da modernidade? Aliás, em um país como o Brasil, estudar a alfabetização é um dever” (BOTO, 2011, p. 1).

Em vista disso, ao retornamos a conjuntura da história da alfabetização no Brasil, um ponto basilar que se destaca é que a educação escolar deve ser de acesso de todos. O acesso pode possibilitar a liberdade e autonomia, além de ser um direito de todos. Pessoas com um nível de escolaridade restrito ficam com a probabilidade de chances menores no mercado trabalho.

De acordo Mortatti (2011), até o final do séc. XIX o ensino ainda era restrito, no qual somente algumas pessoas eram privilegiadas, fazendo-se parte do cotidiano cultural da época. A partir dessa abordagem, vemos que os indivíduos tinham os estudos restringidos, ou seja, esse contato e familiarização com a leitura e escrita não faziam parte do seu contexto social, era pouca ou quase inexistente. Desta forma, as pessoas ficavam numa posição de educação precária, sem garantia de oportunidades futuras.

Como relata Saviani (2010), as dificuldades encontradas nesse período foram muitas para implantação do sistema educacional no século XIX. Nesta situação, o sistema de ensino no Brasil “[...] não se implantou e o país foi acumulando um grande déficit histórico em matéria de educação” (SAVIANI, 2010, p. 166-167). Ainda de acordo com o autor,

Além das limitações materiais, cumpre considerar, também, o problema relativo à mentalidade pedagógica. Entendida como a unidade entre a forma e o conteúdo das ideias educacionais, a mentalidade pedagógica articula a concepção geral de homem, do mundo, da vida e da sociedade com a questão educacional. Assim, numa sociedade determinada, dependendo das posições ocupadas pelas diferentes forças sociais, estruturam-se diferentes concepções filosófico-educativas às quais correspondem específicas mentalidades pedagógicas. (SAVIANI, 2010, p. 167-168).

Inclusive, no final de século XIX, a educação e, conseqüentemente a alfabetização, passou por mudanças adversas, sobretudo, nas práticas pedagógicas, interferindo nesse processo de ensinar a ler e escrever. Segundo Mortatti (2011), após a universalização do ensino no século XIX, as práticas do ensino foram sendo sistematizadas através de métodos e de cartilhas, usando-as para uma diversidade de métodos aplicados. De acordo Mortatti (2000), esse percurso da história da alfabetização foi delegado por disputas a meio de métodos tradicionais e os modernos, enaltecendo o sentido dos caminhos metodológicos para um ensino de ler e escrever na peleja ao analfabetismo. Assim, esses métodos tradicionais, tornaram-se alvos de muitas críticas, ao aspecto mecanicista e positivista, por (codificar), (decodificar) e o uso da língua escrita como ferramenta didática (CAVALCANTE, 2015). Nesta direção, Mortatti (2006) aponta que:

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, métodos de marcha sintética (da "parte" para o "todo"): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar

o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação), sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. (MORTATTI, 2006, p. 5).

Nesse repertório, compreende-se que o método sintético corresponde ao início das “partes” para o todo, considerando a relação entre o som e o grafema, ensinando frases isoladas ou agrupadas, ou seja, soletração, silabação e método fônico. Assim, esse ensino mostra a elaboração da caligrafia e ortografia, usando prática de copiar, decorar e memorizar os conteúdos aplicados, exigindo a desenvoltura correta das letras.

Desse modo, no campo pedagógico, conforme Mortatti (2006, p. 7), começou-se “[...] uma acirrada disputa entre partidários do então novo e revolucionário método analítico para o ensino da leitura os que continuavam a defender e utilizar os tradicionais métodos sintéticos, especialmente o da silabação”. Neste período que se estendeu até 1920, as disputas referentes aos métodos permaneceram centralizadas no ensino inicial da leitura, dado que esse ensino primordial compreendia o tipo de letra, conduzindo-se a treinos e repetições, por processo de copiar e ditar (SANTOS, 2019).

No período de 1920 a 1970, a alfabetização Brasileira “[...] era entendida como o aprendizado da leitura e escrita, sendo o método de ensino subordinado ao nível de maturidade alcançada pelas crianças. Desse modo, essa medida de nível de maturidade levava à classificação das crianças e agrupamento em classes homogêneas para alfabetização” (SGANDERLA; CARVALHO, 2010, p. 8).

Diante do exposto, esses alunos eram colocados de formas agrupadas e variadas, conforme a seus recursos. Visto que, as crianças que estivessem aprendido a ler e escrever com fluência já estava no grau de alfabetizada e assim se classificava como uma maturidade elevada na aprendizagem. Segundo Sganderla e Carvalho (2010, p. 11) havia as “classes fortes para os inteligentes, classes fracas para os que [tivessem] mais dificuldade [...]”, seguindo o desempenho da turma. Sendo assim, essa divisão é destina por um viés aos alunos que representasse talento nas suas atividades educacionais nesse período.

Por volta desse final do século XX, é possível perceber um olhar mais cuidadoso referente à educação, onde emergiram a ideia e sua importância na relação social com a sociedade, havendo esse contato vivo com o ensino e perceber a sua significação. Nessa direção, Pires, Ferreira e Lima (2010), afirmam que:

O final do século XX foi um período de descobertas. Começa-se a ter consciência de que não basta somente alfabetizar, mas que é preciso viabilizar às pessoas a oportunidade do contato com as diversas práticas sociais de leitura e escrita. Isso mudou no século XXI, quando esse conhecimento passou a ser exigência, ou seja, o mundo letrado moveu-se para a escola, passando a fazer parte da alfabetização do novo século, contribuindo para a que a comunicação evoluísse. Os profissionais da educação então passaram a buscar novas competências para ensinar (PIRES; FERREIRA; LIMA; 2010, p. 4).

Diante do exposto, observa-se que os profissionais passaram a buscar novas metodologias, novas estratégias para o ensinar. E com isso percebemos que essa travessia de ensinar foi decorrendo de forma acelerada, no sentido de haver uma maior preocupação ao que estava se ensinando e assim avaliar suas práticas educacionais.

Neste campo, para Soares (1985, p.20), a alfabetização é “em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita”. Para ela, esse processo de alfabetizar é o sujeito que já consegue ler e escrever; ainda de acordo com sua concepção, a criança aprende através da utilização dessa prática, ou seja, escrevendo, copiando e transcrevendo o que é ensinado.

Em continuidade dessa reflexão da autora acima, “alfabetiza-se significa adquirir habilidades de codificar língua oral e língua escrita (escrever) e decodificar a língua escrita da língua oral (ler) ” (SOARES, 1985, p.20). Desta maneira, alfabetização seria essa representação de fonemas e grafemas na construção social, onde surge esse processo de compreensão/expressão de significados das palavras.

De acordo com Mello (2007), a autora Ferreiro parte de uma perspectiva diferente da de Soares, uma vez tem como concepção de alfabetização os conhecimentos que as crianças já têm, ou seja, levando em consideração a bagagem dos saberes dos sujeitos e isso deve ser relevante ao professor alfabetizador, no entanto, na maioria das vezes, o professor fica como detentor de toda as informações, enquanto as crianças já possuem domínio em outros conhecimentos.

Nessa perspectiva de Ferreiro (1999, p. 48), “alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é, na maioria dos casos, anterior à escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Sendo assim, a autora afirma que alfabetizar não diz respeito simplesmente aos métodos, carregando a criança de conteúdo, textos etc., mas

agregar e considerar as informações que as crianças já têm quando chegam à escola, que certamente, são infinitos.

Já em outra dimensão, contextualizando a forma de ensinar na educação, Paiva (2000), comenta que a proposta política de educação dos jesuítas, era catequizar os índios promovendo a cultura e a religião cristã. Esses ensinamentos são regidos numa escola que era da igreja católica, e, durante esse tempo a escola era voltada para os filhos dos colonos, as “elites”, durando dois séculos, porém, além da educação ser direcionada para a elite religiosa, eles também iniciaram a alfabetização para os índios e colonos.

Neste período, na escola, o ler e escrever para os meninos se enquadra em ensinar boas maneiras usando técnicas de leitura e escrita. O colégio nomeado para o seminário visava transferir Moral, Filosofia e Línguas Clássicas. E logo depois era possível se estudar Teologia, Direito ou Medicina na Universidade de Coimbra, destinada pelos jesuítas. (CAVALCANTE, 2015)

Entende-se que a preocupação em ensinar, nesse tempo, era voltada para posturas, maneiras, princípios, caráter, ética, lição, dignidade, estado de espírito. Depois se podia ensinar conhecimento, ciência, deveres sucessivamente. Retomando essa bússola do sistema educacional naquela época, víamos que se oferecia aos filhos influentes uma educação clássica, humanística, acadêmica e impalpável, ideal para a década. Após essa implicação dos estudos, foi divulgando o ensino das primeiras letras, aquisição de códigos alfabéticos e numéricos.

Nesse momento crucial, Mortatti (2006) vem trazendo disputas voltadas para tematizações, normatizações e concretizações, envolvendo o ensino de leitura e escrita, e, classificando-o como novas e melhores, mediante ao que era considerável antigo e tradicional num ensino. Nesse sentido aqui abordaremos quatro métodos:

O primeiro se caracteriza *A metodização* do ensino da leitura, ensino esse que carecia de organização, onde as mínimas escolas existentes acomodavam alunos em todas as “séries”, funcionando em edifícios pouco adequados, e aplicando as tais aulas “rígidas” época da primeira sistematização do ensino.

O segundo, Mortatti (2006) caracteriza como *A institucionalização do método analítico*, sendo ensinado por palavração, sentencição e método de conto. A partir desse

método, necessitaria ensinar pelo “todo”, analisando por partes, no sentido, da frase ou texto, na estratégia de aprender a ler e escrever por completo.

O terceiro caracteriza o método da *Autonomia didática* proposta pela "Reforma Sampaio Dória" (MORTATTI, 2006, p.8). Assim, a alfabetização procede sob medida, resumidamente. Esse método tinha a função de avaliar o nível de maturidade dos conhecimentos das crianças através dos testes ABC, na intenção de diminuir os altos índices de repetições escolares (SGANDERLA; CARVALHO, 2010).

E por fim, o quarto caracteriza o método *Alfabetização: construtivismo e desmetodização*, iniciado na década de 80, onde foram questionados sistematicamente, na diligência de terem novas exigências políticas e sociais, que gradativamente acompanhou-se de mudanças na educação e assim similar, especialmente, o fracasso na alfabetização dos alunos.

Diante do exposto, surgiu a pesquisa de Emília Ferreiro e colaboradores com uma nova forma de compreender a alfabetização: não como método, mas compreender como as crianças pensam sobre a escrita e como constroem as suas aprendizagens. Apresentando não uma metodologia nova, mas uma “revolução conceitual”, combatendo práticas tradicionais e indagando o uso de cartilhas. Assim, “o ensino tornou-se um objeto de pesquisa importante do ponto de vista acadêmico, mas também do ponto de vista didático” (MORTATTI, 2011, p.64).

Historicamente, a alfabetização se iniciou na década de 1980, contudo nesse tempo houve mudanças na educação e com o passar do tempo o ensino foi sendo sistematizado por intermédio de métodos, e cartilhas que legitimou diversos métodos. E assim, foram-se configurando novas formas de ensino até chegar ao livro *Psicogênese da Língua escrita*⁵.

A autora Mortatti (2006) destaca que os estudos da Emília Ferreiro e Ana Teberosk foram respaldos no construtivismo e veio para alfabetização de forma bem-sucedida com o objetivo de valorizar a aprendizagem da criança no processo da escrita. Neste entendimento, as crianças aprendem independente de estarem na escola, pois antes desse acesso já ocorre contato com mundo social da língua escrita.

⁵ Neste Livro de Emília Ferreiro, abordam resultados acerca dos processos de aquisição da língua escrita, desenvolvidas pelas as crianças, na qual compreendemos a complexidade de como acontece. Tais entendimento contribuem para professores, psicólogos e públicos, destinando-se para estes citados.

As autoras Bordignon e Paim (2017) comentam que foi a partir do campo da alfabetização que houve o fracasso escolar, especialmente, na década de 80, denominando esse momento como desmetodização do ensino. Em virtude disso, Mortatti (2006, p. 10) menciona que foi nesse período que:

[...] introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, resultante das pesquisas sobre a psicogênese da língua escrita desenvolvidas pela pesquisadora argentina Emília Ferreiro e colaboradores. Deslocando o eixo das discussões dos métodos de ensino para o processo de aprendizagem da criança (sujeito cognoscente), o construtivismo se apresenta não como um método novo, mas como uma “revolução conceitual”, demandando, dentre outros aspectos, abandonarem-se as teorias e práticas tradicionais, desmetodizar-se processo de alfabetização e se questionar a necessidade das cartilhas. Assim, a partir de 1980 inicia-se o quarto momento, caracterizado como “alfabetização: construtivismo e desmetodização”.

Para tanto, Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) trazem em suas contribuições desenvolvidas epistemologicamente acerca da aquisição da língua escrita, cria-se no quadro atual da educação questões sobre o uso dos métodos tradicionais de alfabetização e reprovação frente ao processo de alfabetizar, de acordo com Mortatti (2004), interrogando o uso da cartilha e dando novo significado ao processo de construção da escrita.

Na concepção de Ferreiro (1993), a alfabetização se move de forma ampla, que o processo do código escrito leva a desenvolvimento de habilidade na prática social, no entanto, destaca a “[...] compreensão do modo de representação da linguagem que corresponde a um sistema alfabético de escrita, seus usos sociais e a construção e compreensão de textos coerentes e coesos” (Ferreiro, 1993, p.25). Ou seja, a língua escrita deve ser entendida como um sistema de representação da linguagem.

Já para Magda Soares (2004, p. 47), alfabetização é a “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever”, isto é, mostra que o indivíduo é capaz de ler e escrever tornando-o alfabetizado. Sob esta afirmação, a alfabetização é por toda a vida do sujeito, momento este que aprende a ler e a escrever por sua totalidade. Tal compreensão caracteriza que alfabetização é contínua, e após essa apropriação do sistema alfabético e ortográfico, aprendemos a constatar prática do uso da escrita. Sinalizando ainda que a criança aprende após sequências de repetições e codificações.

Visto isso, diferentemente de Emília Ferreiro, alfabetização é vista através da análise de seus níveis de evolução da escrita, todavia, quando a criança passa escrever de forma convencional é importante salientar que mesmo estando alfabetizada, ainda existem erros de ortografias e algumas letras não são colocadas nas palavras. Reconhecemos então que, este conhecimento específico se inicia antes da escolarização, a entender que a escrita não representa não apenas riscos, gráficos ou desenhos, mas sim, algo significativo.

Ante essas considerações, algumas teorias foram possíveis repensar as práticas pedagógicas importantes sobre a alfabetização e suas fases de modo especial, considerando os conhecimentos prévios das crianças, a partir de quatro diferentes níveis, os quais, conforme a autora Emília Ferreiro (2001), relata em seu livro de “Reflexões sobre alfabetização”. Destacando os níveis da alfabetização das crianças.

Os níveis compreendidos pelas autoras são: *pré-silábico* – período em que a criança ainda não consegue a representação da escrita, representam as palavras através de desenhos; *Silábica* – a criança começa a representar uma sílaba para cada letra, sempre possui uma pequena quantidade de letra que é o esperado; *silábico alfabética* – o sujeito já supõe que a escrita representa a fala, para cada fonema, usa uma letra para representá-lo; e *Alfabética* – a criança passa a escrever de forma convencional, porém ainda nesse momento existem erros de ortografia.

Assim, as autoras anunciam que este processo de construção articula diversas funções do conhecimento psicológicas de cada pessoa, processo que vão ocorrendo ao longo de todo o desenvolvimento, desde os anos iniciais da infância até fase adulta. O que nos leva a entender que a escrita é uma reconstrução real e inteligente. E com essa interpretação entende-se que a criança alfabetiza a si mesmo e inicia essa aprendizagem antes mesmo de entrar na escola.

Diante disso, Ferreiro (2001, p. 18), em seu livro “*Reflexões sobre a alfabetização*”, revela que "do ponto de vista construtivo, a escrita infantil segue uma linha de evolução surpreendente regular através de diversos meios culturais e diversas situações educativas e de diversas línguas". Tais reflexões nos fazem pensar este contexto na prática, evidenciando, claramente que cada criança traz uma bagagem cultural e social e cada uma delas tem seu desenvolvimento contínuo e estão em processo progressivo, enfatizando a importância das hipóteses infantis, participação do mediador para ajudar a criança, ambiente alfabetizador e

planejar atender as necessidades da criança, além do mais respeitar o tempo de cada uma, logo são algumas dessas características que contribuem para a evolução dos sujeitos.

Como já mencionado, após os estudos sobre a Psicogênese, amplamente discutidos e evidenciados não apenas no Brasil, Ferreiro (1999) contribui significativamente para essa mudança de alfabetizar, trazendo neste caso a compreensão de que alfabetização envolve um profundo processo para elaboração de hipóteses mediante a representação linguística. Desse modo, esclarece que alfabetizar não é apenas apropriação de um código de forma mecânica, logo, ultrapassam esses conceitos, precisando, portanto, uma materialização, indo de encontro paralelamente ao processo de letramento.

O termo letramento conduz a compreender o sócio-cultural da língua escrita e do aprendizado. Neste sentido, Tfouni (1995, p. 20) afirma que “o letramento focaliza os aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade”. Confirmando, bem como, alfabetizar e letrar absolutamente carecem de ser paralelo. Neste viés, Ferreiro (1999) não concorda com o termo letramento, sobretudo no campo conceitual, mas, talvez, no campo metodológico seja importante essa distinção.

Em contradição, Soares (1998) acredita que se tivermos uma compreensão ampla da alfabetização não haveria necessidade da inserção de um novo termo. Então, fica esclarecido que o uso de forma mecânica da leitura e a escrita não é o bastante, letramento surge na intenção de atender outras habilidades necessárias, sobretudo, no campo metodológico. Desta forma, o letramento passa a refletir sobre a práxis alfabetizadora na demanda de uma aprendizagem mais significativa que possa cumprir os requisitos da contemporaneidade no que se referem às práticas sociais.

Segundo Soares (1985), a alfabetização e letramento são distintos, embora, se agrupam em habilidades e saberes opostos. Todavia, ao mesmo tempo são indissociáveis e coexistentes. Nessa percepção, foi possível identificar que a partir do termo letramento, a definição de alfabetização vai ampliando. O letramento resulta em pesquisas e pensamentos acerca do analfabetismo, ciente que apesar de algumas crianças saírem da escola alfabetizadas, os conhecimentos conquistados não os davam a garantia de inserir-se autonomamente na sociedade.

Soares (1998) acrescenta que “o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é, não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura

e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 1998, p.4). Ou seja, é extremamente importante observamos as especificidades a respeito do processo de alfabetização e letramento.

Porque alfabetização e letramento são conceitos frequentemente confundidos e sobrepostos, é importante distingui-los, ao mesmo tempo que é importante também aproximá-los: a distinção é necessária porque a introdução, no campo da educação, do conceito de letramento tem ameaçado perigosamente a especificidade do processo de alfabetização; por outro lado, a aproximação é necessária porque não só o processo de alfabetização, embora distinto e específico, altera-se e reconfigura-se no quadro do conceito de letramento, como também este é dependente daquele. (SOARES, 2003, p. 90).

Vale salientar que mesmo que alfabetização e letramento sejam processos distintos, embora, ambos se desenvolvam paralelamente no ensino, estão inteiramente ligados. Nesse sentido, a forma mecânica de ensinar não é considerável evolutiva, entupindo a criança de textos e mais textos, sem observar esse domínio com a leitura e escrita do sujeito.

Assim, nesta ótica Soares (2004, p. 435) diz:

Se alfabetizar significa orientar a própria criança para o domínio da tecnologia da escrita, letrar significa levá-la ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada [...] é uma criança que tem o hábito, as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes ou portadores, em diferentes contextos e circunstâncias [...]. Alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita.

Destacando que ler e escrever não são suficientes, mas também, que esse indivíduo saiba fazer uso social nas mais diversas situações comunicativas. E socialmente já somos letrados, quando iniciamos esse contato com o mundo a nossa volta e começamos a identificar as letras, vogais, consoantes até a formação da palavra.

Conforme comenta Lustosa (1980), o termo de letramento surge com a necessidade de configurar e nomear novos comportamentos e práticas sociais de leitura e escrita que ultrapassem o domínio do sistema alfabético e ortográfico. Refletindo nessa conjuntura, cada sujeito tem suas peculiaridades, no sentido do ambiente social que vive e partindo de suas particularidades, algumas irão demonstrar evoluções e outras nem tanto, entrelaçando esse

espaço de ler e escrever vai além da transmissão desse sistema mecânico. Nesse sentido, Brito (2007) ressalta que:

Por outro lado, vale lembrar que dentro do contexto social e do contexto familiar da criança ocorrem práticas e usos da escrita, de forma natural e espontânea, das quais ela participa direta ou indiretamente. O letramento decorre dessa participação, da vivência de situações em que o ler e o escrever possuem uma funcionalidade, uma significação. Os atos cotidianos, corriqueiros, de ler um jornal, redigir um bilhete, ler um livro, fazer anotações, ou seja, usar textos escritos como fonte, seja de informação, seja de entretenimento, contribuem para que as crianças percebam as diferentes formas de apresentação do texto escrito, bem como para que identifiquem seus diferentes sentidos e funções (BRITO, 2007, p. 3).

Assim, nos espaços sociais e familiares pressupõe que a criança já inicia o seu processo de letramento, seja por meio livre ou espontâneo, do seu modo vai se desenvolvendo a sua escrita e leitura, ao desfrutar de todo esse ambiente que proporciona informações de aprendizagem para a criança antes mesmo de comungar na escola. Vygotsky (1988) nos ajuda a compreender que:

O ponto de partida dessa discussão é o fato de que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola. Qualquer situação de aprendizagem com a qual a criança se defronta na escola tem sempre uma história prévia. Por exemplo, as crianças começam a estudar aritmética na escola, mas muito antes tiveram alguma experiência com quantidades – tiveram que lidar com operações de divisão, adição, subtração e determinação de tamanho. Consequentemente, as crianças têm sua própria aritmética pré-escolar, que somente os psicólogos míopes podem ignorar. (VYGOTSKY, 1998, p. 110).

Por fim, vale enfatizar que, a trajetória da alfabetização está em movimento o tempo todo, tanto do ponto de vista conceitual quanto metodológico. Nesta dimensão, fez-se necessário este recorte histórico, de modo que possamos analisar os desafios do momento atual a partir dos diversos momentos em que a alfabetização já atravessou. No próximo tópico, nos debruçaremos a refletir sobre os desafios da alfabetização na prática pedagógica.

2.2 ALFABETIZAÇÃO E OS DESAFIOS DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

“Onde há vida, há inacabamento”.
(Freire, 1997, p. 55).

Depois de compreendermos alguns momentos da materialidade histórica e conceitual da alfabetização no Brasil, chega o momento de um olhar mais aproximado das práticas alfabetizadoras atuais. Assim, este tópico se propõe a discutir sobre os desafios enfrentados pelo professor alfabetizador na prática docente e as reflexões de Freire (1997), que epigrafa o tópico de reflexões, nos convidam a pensar sobre o processo de inacabamento dos sujeitos, da vida, dos processos educativos. Convidam-nos a pensar nas possibilidades de aprendizagens construídas cotidianamente no processo no intuito de vencer os desafios que são apresentados na trajetória e a compreender os desafios dos processos como possibilidades de aprendizagens e de construções.

Nesse caminho, entendemos que alfabetização deve perpassar por uma aprendizagem significativa que contribua no processo de aquisição da leitura e da escrita, que traduza em uma prática pedagógica qualificada, pois, esse período é o inicial para a construção de ler e escrever ortograficamente, conforme anunciam Estrela e Andrade (2015, p. 37), “Ao professor cabe a tarefa de ensinar, ajudar a criança a progredir, mas para isso é preciso tomar decisões não só acerca de métodos, mas da organização da sala de aula e de um ambiente alfabetizador, planejar com foco na criança, suas necessidades, respeitando o seu tempo”.

Compreendemos que o trabalho do professor se desenvolve em observar as especificidades e diversidades das crianças, de modo a buscar contribuir com o fortalecimento na autonomia, no respeito e na convivência social. Todos estes fatores contribuem para motivar e estimular o interesse e o desempenho de cada criança nesse processo de construção da leitura e da escrita.

Para tanto, Estrela e Andrade (2015) defendem um processo pedagógico em que promova para além do conhecimento do funcionamento do sistema de escrita, mas possibilite as crianças o uso social responsável e consciente da leitura e da escrita nas práticas sociais. Desta forma, Estrela e Andrade (2015), afirmam que:

Tão, importante quanto conhecer o funcionamento de escrita é poder fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano, apropriando-se da função social destas, portanto, é urgente alfabetização/letramento, isto é, garantir o domínio da tecnologia da escrita, junto com o desenvolvimento das capacidades de fazer leitura e escrever para atender distintos objetivos. (ESTRELA e ANDRADE, 2015, p. 39)

Portanto, diante dessa abordagem, compreendemos que o processo de apropriação da leitura e da escrita deve estar diretamente relacionado à sua função e uso social. Assim, podemos dizer que alfabetizar e letrar se complementam no sentido de estar associado um ao outro, ainda que sejam distintos.

Nesse sentido, Suzana (2010, p. 89) complementa dizendo que “o pensar do professor é explícito através de atitudes, ações, gestos e não apenas de palavra”. Convida-nos a entender que em muitas das vezes o sujeito verbaliza algo, mas pensa outro, essas atitudes implicam nessa relação professor/aluno. Neste caso, o pensar do professor pode interferir na aprendizagem da criança, por meio, de comportamentos, olhares e atitudes, no sentido da sua metodologia não ser condizente.

Diante das abordagens apresentadas, não podemos esquecer que a alfabetização não está alheia às mudanças sociais, muito pelo contrário, está diretamente articulada a todos os processos. Assim, as transformações sociais exigem do professor novos direcionamentos do processo de modo a atender as demandas que são apresentadas. Sobre este aspecto, Dutra, Silva e Bezerra (2015) esclarecem:

As constantes mudanças ocorridas na sociedade exigem uma nova postura do professor, bem como um repensar crítico sobre a educação. Assim, torna-se necessário buscar novos caminhos, novos projetos, emergentes das necessidades e interesses dos principais responsáveis pela educação, é necessário transformar a realidade escolar, buscando a cada dia novas práticas que possam facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. (DUTRA; SILVA; BEZERRA, 2015, p. 3).

Nesta ilustração referente às constantes mudanças da sociedade, é perceptível a postura do professor, que a partir daí vão surgindo novas concepções de ensino, contudo, necessárias para refletirmos sob nossa prática de educação. Além do mais, articulando esse momento dinâmico, dialético, interativo e participativo com os seus alunos, o professor

recorre a outras metodologias, pesquisando formas que facilitem a mediação do ensino e da aprendizagem.

Nesse sentido, Freire (2018, p. 39) nos chama a atenção, em seu livro “*Pedagogia da Autonomia*”, para saberes necessários à prática docente, dizendo que “[...] ensinar exige reflexão crítica sobre a prática [...]” e, nesse interim, o professor precisa pensar certo para uma prática docente crítica, conforma anuncia:

A prática docente crítica, implica do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, “desarma”, indiscutivelmente produz é um saber ingênuo, um saber de experiência feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a *curiosidade epistemológica* do sujeito. (FREIRE, 2018, p. 39).

Diante exposto, para o autor, o “pensar certo” reflete uma prática com provocações, instigando os seus alunos, havendo uma interação e participação deles de forma livre, uma vez que os sujeitos já trazem suas bagagens de conhecimento, logo, esse professor tem a autonomia de articular a curiosidade ingênua para a curiosidade epistemológica, ou seja, essa ingenuidade é o que se leva para a sala de aula, senso comum, nossas vivências. Esse professor provocador possibilitará aos educandos serem sujeitos autocríticos, pessoas pensantes, logo a reflexão crítica possibilita o indivíduo a refletir sobre o que é discutido em sala de aula.

É importante comentar que o professor deve repensar sua prática sempre, analisar o que está fazendo e se está no caminho certo, sendo necessário termos a consciência do que estamos fazendo, como estamos agindo, uma vez que:

O papel do professor em todas as épocas é ser o arauto permanente das inovações existentes. Ensinar é fazer conhecido o desconhecido. Agente das inovações por excelência o professor aproxima o aprendiz das novidades, descobertas, informações e notícias orientadas para a efetivação da aprendizagem (DUTRA; SILVA; BEZERRA, 2015, apud KENSKI, 2001, p.103)

Partindo dessa concepção, é revelado que o pensar desse professor envolve compromisso tanto com responsabilidade como humano quanto como profissional que em está formando vidas, mas também há uma formação social em que ensinamos para a vida. Nesse sentido, Freire (1975) complementa que:

Educadores e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1975, p. 66).

Os agentes educacionais envolvidos precisam assumir a responsabilidade em atender todas as necessidades, proporcionando educação qualificada. Esses profissionais devem estar engajados no desenvolvimento das atividades que possam contribuir mais com as crianças. E ter a convicção que somos seres inacabados como diz Freire (1975), estamos em constante evolução sempre, mudamos o tempo todo e devemos caminhar no sentido dessas mudanças transformadoras para nossas vidas.

De acordo os autores, Dutra, Silva, Bezerra (2015), os desafios encontrados na prática docente ainda são a falta de reconhecimento e valorização pelos profissionais, às vezes a administração deixa a desejar na organização e em alguns casos a desobediência por parte dos alunos.

É válido dizer que, apesar da escola apresentar desafios que já se encontram na instituição, surgem outras demandas e dificuldades, como o trabalho do professor alfabetizador, pois é fundamental que numa escola, a princípio, se tenha uma direção organizada totalmente. Planejar não é improvisar, é preparar bem o que se irá fazer.

Não podemos esquecer que participação da escola é essencial, entretanto, a colaboração da família se torna importante para o fortalecimento nesse processo de construção da alfabetização, por menor que seja a contribuição, a prática de leitura no seu cotidiano favorece muito no desenvolvimento escolar. A escola e a família devem estar juntas nessa caminhada, com participação frequente, inclusive, a colaboração dos pais para que incentivem o hábito de leituras (sejam elas textos infantis, contos, poesias, fábulas), pois colaboram bastante nas atividades escolares e, assim, contribuindo na educação de seus filhos.

Como já pontuamos anteriormente, “o processo de alfabetização é desafiador, tanto para o discente, que está sendo alfabetizado, quanto para o docente, a quem incube a responsabilidade de alfabetizar” (DIONIZIO, SOUZA, 2016, p. 2). Desse modo, o termo alfabetização pode parecer ser fácil, porém esse processo de alfabetizar perpassa por vários desafios enfrentados pelo professor. Nessa ação da prática pedagógica, “o professor estará lidando com crianças em processo de alfabetização, algumas em fase de aquisição e outras na

fase de desenvolvimento de habilidades de escrita ou, ainda, com crianças em diferentes graus de letramento” (BRITO, 2007, p. 6).

Sob esta ótica, então, uma intervenção exige didaticamente a construção de saberes linguísticos, como leitura e escrita. Para tanto, para que uma intervenção pedagógica aconteça de forma dinâmica e dialética, o educador precisa qualificação e organização na execução didática que se configure num “saber fazer”, porém consciente em sua ação. Cagliari (1999), ao reconhecer a importância técnica do alfabetizador, salienta:

Os cursos de formação de professor têm se preocupado muito com outros aspectos da escola, dando muitas vezes um valor indevido aos aspectos pedagógicos, metodológicos e psicológicos. Como educador, o professor precisa ter uma formação geral, e esses conhecimentos são básicos. Como professor alfabetizador precisa ter conhecimentos técnicos sólidos e completos. [...] Para ensinar alguém a ler e escrever, é preciso conhecer profundamente o funcionamento da escrita e da decifração e como a escrita e a fala se relacionam. (CAGLIARI, 1999, p. 130).

Sendo assim, o professor precisa ter conhecimentos suficientes para mediar sua tarefa de alfabetizar, no sentido de ter propriedade mais aprofundada em tais informações que lhes permitem desenvolver, em sua prática, os saberes técnicos, para assim, compreender o que é alfabetizar nesse processo. Também é necessário que esse professor alfabetizador em formação, priorize a necessidade da língua oral, esclarecendo que a variação linguística precisa ser respeitada e partir disso, iniciar as instruções de saberes que elas já trazem. Nesse processo de aprendizagem, há singularidades e sujeitos com variados contextos socioculturais.

Diante do cenário pandêmico que estamos vivendo, sentimos que estamos totalmente desprovidos de políticas públicas educacionais de modo a contemplar as demandas dessa problemática que é social, coletiva e não individual. Por tudo isso, é essencial esclarecer, principalmente o papel do professor, que, nesse momento das aulas remotas, houve a necessidade da reinvenção das suas práticas a partir do momento que foi proposto continuar as aulas de forma *online*. Partindo das considerações Ferreira, Ferreira e Zen (2020) anunciam que:

A realização do trabalho docente vai requerer ainda mais dedicação, pois, para alguns professores manusear os artefatos tecnológicos necessários ao ensino remoto é uma situação totalmente nova e, neste momento tão delicado, é a única forma disponível para interagir com os alunos (FERREIRA; FERREIRA; ZEN, 2020, p. 289).

Desta forma, é importante mencionar que toda essa travessia inicia um desafio na educação, inclusive, gerando grandes desafios para o professor, pois há todo um preparo físico, psicológico, uma vez que foi preciso configurar o cenário da sua casa, lidar com as tecnologias e se arrumar para estar em frente a uma tela, sem contar que nessa carruagem tem outras implicações, como ao acesso à internet, pois as vezes não tem uma boa qualidade. E por fim, sua rotina é desfigurada por completo, assim, sendo necessário se readaptar as novas metodologias de ensino.

Neste viés, trago também o papel da criança nesse momento de aprendizagem. Esta também sente dificuldade, inclusive de manusear os equipamentos tecnológicos ou até do próprio acesso para o seu uso pessoal. Além do mais, as crianças ficam desprovidas de uma assistência presencial, pois com as aulas remotas impossibilitam essa aproximação com o professor. E com isso, o aluno fica às vezes desorientado em suas atividades e acaba não sabendo lidar com todas essas ferramentas e novidades postas nesse momento atípico.

Se fossemos ampliar esse cenário mencionado aqui, abriríamos um “leque” de informações sobre o ensino remoto, no entanto, fazemos tais recortes, pois é importante colocar situações extremamente importantes para a discussão em foco. Diante do exposto, pensamos que esse ensino remoto implicará gradativamente no ensino-aprendizagem desse aluno, em ambos os aspectos, há a possibilidade desse ensino não ser compreendido de forma total, mas parcial, por às vezes não ter o acesso às ferramentas que estamos utilizando no momento, a falta de acompanhamento do familiar em casa.

Nessa conjuntura, atuar na área da educação é uma tarefa árdua, com inúmeros desafios e contratempos, em destaque, as aulas remotas que estamos experimentando no atual momento, mas também com novas possibilidades de aprendizagem. Esse professor pesquisador precisa seguir caminhando no que tange a rever sua prática, configurando e observando os planejamentos e entendendo que não basta saber tão somente os referenciais teóricos, mas também, dominar a questão operacional.

Por tudo isso, a alfabetização, entendida como algo importante para inserção da criança na sociedade, exige uma urgência de se discutir sobre as práticas apropriadas e educadores habilitados para execução das demandas, além do mais, a construção do planejamento, sendo um exercício importante para a formação.

III. CAMINHOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O presente capítulo tem como objetivo apresentar a trajetória metodológica percorrida. Sendo assim, este capítulo se divide em de três seções, a primeira retrata as características do espaço e dos sujeitos, a segunda refere-se às abordagens metodológicas, enfatizando como a pesquisa científica foi se alicerçando com o passar do tempo e permitindo abordar outras maneiras de se fazer pesquisa social. E a terceira apresenta a técnica de produção de dados, movendo através da entrevista semiestruturada.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO E DOS SUJEITOS DA PESQUISA

Para realização desta pesquisa, o *lócus* escolhido é uma escola⁶ pública localizada na Cidade de Amargosa-BA. A referida instituição atende ao ensino da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental, atendendo do 1º ano ao 5º ano do ensino.

A pesquisa realizada tem como enfoque entrevistar duas professoras alfabetizadoras da Instituição, *lócus* do estudo. Nesse sentido, as colaboradoras escolhidas para as entrevistas foram, a primeira professora P1 casada, 36 anos, não tem filhos, formada em Pedagogia com especialização na alfabetização e letramento e em séries iniciais e educação infantil. Possui experiência de nove anos de atuação na docência e afirma que gosta de alfabetizar “[...] porque acredito que as crianças podem aprender a ler e escrever no início da série inicial. Me sinto uma profissional feliz quando consigo alfabetizar a criança na série proposta” (P1, 2012).

A segunda professora escolhida para a entrevista foi P2, casada, 50 anos de idade, três filhos, formada em Sociologia⁷, tem dois anos de atuação na alfabetização e dezoito anos na

⁶ A referida escola é no bairro do centro da Cidade, atendendo uma boa parte da população dos bairros circunvizinhos, por ser mais próximo de suas casas.

⁷ Este dado provoca inúmeras indagações. A segunda professora, com formação em sociologia, convida-nos a problematizarmos: esta formação de fato atende as especificidades da alfabetização? Qual (is) o(s) motivo(s) para uma socióloga estar assumindo uma função que é da Pedagogia? Esta e tantas outras questões são postas e nos mobilizam para a luta em favor da Pedagogia e das especificidades formativas do(a) Pedagogo(a). Afirmamos que a alfabetização é função exclusiva do Pedagogo e da Pedagoga.

docência, afirma possuir formação continuada em Educação Especial PACTO/PNAIC e está cursando Pedagogia. Afirma sua paixão pela alfabetização, pois *“desde criança eu brincava de escola e sempre fui professora, iniciei minha carreira na educação, depois trabalhei em outras áreas e retornei para a educação novamente”* (P2, 2021).

Nesse sentido, é importante salientar que as entrevistas tiveram o objetivo de analisar as concepções das professoras que estivessem atuando. Através das entrevistas foi possível observar as suas narrativas neste trabalho e refletir sobre elas. Os dados produzidos foram de suma importância, tanto para conhecer suas concepções acerca de alfabetização, quanto aos desafios encontrados no seu processo.

3.2 ABORDAGEM METODOLÓGICA DA PESQUISA

Nesse cenário atual “pandêmico” que estamos vivenciando, somos vítimas de todos esses processos de readaptações tanto os professores quanto os alunos, as informações chegaram todas de vez sobre nossas cabeças, até os pais precisaram e precisam se adaptar a essas mudanças das aulas remotas.

É através da pesquisa que podemos buscar informações da pesquisa em pauta, com isso, na intenção de compreender novas práticas de conhecimentos. Nessa expectativa a pesquisa é “[...] a atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade” (MINAYO, 2012a, p. 16). Para isto, está inerente entender que as pesquisas debruçam particularidades, emancipadamente ao que investiga.

Levando em consideração, tais comentários acima, a pesquisa se caracteriza em abordagem qualitativa, por um viés que mantém acessível o desempenho das realidades, inclusive a complexidade no processo de alfabetização. “Assim, a pesquisa qualitativa se relaciona com experiências, vivências com o outro, fatos, locais que compõe para observar o máximo de informações e significados, consistindo no objeto da interpretação e leitura da pesquisa” (CHIZZOTTI, 2003, p. 221). E ainda acrescentam:

A pesquisa qualitativa recobre, hoje, um campo transdisciplinar, envolvendo as ciências humanas e sociais, assumindo tradições ou multiparadigmas de análise, derivadas do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do

marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, e adotando multimétodos de investigação para o estudo de um fenômeno situado no local em que ocorre, e enfim, procurando tanto encontrar o sentido desse fenômeno quanto interpretar os significados que as pessoas dão a eles. (CHIZZOTTI, 2003, p. 221)

Compreende-se que a pesquisa qualitativa não está movida por base regular, uma vez que a pesquisa pode percorrer entre ciências humanas como em ciências sociais, nessa direção há uma dedicação ao sujeito. Sendo assim, a pesquisa precisa ter um olhar cuidadoso e humano ao realizar as conclusões sobre o objeto da pesquisa, deixando acontecer essa aproximação com o outro.

De acordo a Chizzotti (2003), a “qualitativa” “[...] implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa”, onde o pesquisador compreenderá dano importância no sentido de sua pesquisa, observando com cuidado e zelo o que está pesquisado.

Assim, esta pesquisa preserva a ideia de que para elaborar saberes sobre os assombros humanos e sociais, é preciso avaliar suas convicções e retratá-las com retidão, procedendo métodos, execução e verificação, alinhando ao que se configura a pesquisa.

Segundo Minayo (2012), a pesquisa qualitativa visa propor questões específicas, na demanda de atentar ao grau de existência ao qual não pode ser calculável e nem tão pouco avaliado. Conforme a autora, esse objeto de pesquisa não se caracteriza na incorporalidade do sujeito, não se resume a diversas quantidades.

Resumidamente, a pesquisa propõe investigar fenômenos humanos, dano significados e sentindo as coisas sociais. Não se configura em quantidades de maneira a se analisar, mas o objetivo destacado na pesquisa não anula a sociedade, mas com certeza, se envolve numa realidade social.

Partindo dessa realidade social, “considera que há uma relação entre o mundo real e o sujeito, isto é, um indivíduo indissociável entre o mundo e a subjetividade do sujeito [...]” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20). Sendo assim, é intrínseco relatar a experiência vivida com os entrevistados, de forma que as concepções empíricas e suas contribuições venham ser descritas e entendidas. Em síntese, uma pesquisa qualitativa promove ao pesquisador conhecimentos sobre o que se pesquisa, de modo feito que surte eficácia. Tendo, assim, a capacidade de aproximar com a situação problema posto.

Outra colocação na pesquisa, é o olhar sensível do (a) pesquisador (a) havendo a necessidade de atentar-se ao ouvir cuidadosamente as falas do (s) sujeito (s), além do mais, esse contato possibilita a interação com o indivíduo, engrandecendo as vozes das entrevistadoras.

A pesquisa por meio social, tem o foco realidades experimentadas, compreendendo e não apenas descrê-las. Desta forma, o intuito é, através dos contextos educacionais, observar as concepções, desafios e possibilidades de intervenções pedagógicas nesse percurso educativo referente às professoras alfabetizadoras.

Além disso, a pesquisa também se configura como de caráter exploratório que, segundo Lakatos e Marconi (2010, p. 171), “[...] está relacionada à situação problema com a finalidade de desenvolver hipótese ao que se pesquisa, explorando toda a análise coletada, refletindo todo o espaço encontrado.”

Nesse contexto, o problema que move a pesquisa, nos direciona as situações de suposições e hipóteses, ou seja, algo que não temos certeza em afirmar quando se pesquisa, pois só a partir de uma explanação de todo o trabalho, podemos chegar não a uma conclusão, mas a resposta que norteará o que foi pesquisado. Gil (2009) complementa que:

As pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato. Esse tipo de pesquisa é realizado especialmente quando o tema escolhido é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipóteses e operacionalizáveis (GIL, 2009, p. 27).

Nesta situação, foi realizado um levantamento a fim de reconhecer as concepções e desafios das professoras alfabetizadoras.

Entendemos que o espaço onde realiza a pesquisa qualitativa, classifica como fonte principal de dados, permitindo a quem pesquisa um contato maior com os sujeitos, uma relação mais próxima aos professores. Em concordância disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com duas professoras alfabetizadoras de uma escola municipal de Amargosa. A partir dessas narrativas, foi possível analisar as concepções e desafios das professoras.

3.3 PROCEDIMENTO DE PRODUÇÃO DE DADOS: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A opção pela entrevista semiestruturada se deu por consideramos que o seu procedimento permite ao pesquisador assumir uma posição de investigador, com objetivo de conseguir através de perguntas pré-estruturadas⁸, capazes de respondê-las de acordo a pesquisa. De acordo com Marconi e Lakatos (1999, p. 94),

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social.

Nesta etapa, o pesquisador fará, ao entrevistado, perguntas que tem como foco colher informações sobre o objeto de estudo, de forma que a partir das entrevistas e do procedimento para coletar as informações, o mesmo terá uma relação maior com as perguntas estruturadas. Desse modo, decidimos realizar um roteiro de perguntas, possibilitando um diálogo ao entrevistado sobre a temática (BONI & QUARESMA, 2005, p. 75).

Para conseguir o resultado da pesquisa proposto, o momento de produzir os dados foi de fundamental importância. Entretanto, para que isso acontecesse, o procedimento essencial e técnica foram de grande valia para cumprir com os protocolos exigidos a este tipo de pesquisa. Deste modo, as procedências da coleta de dados foram entrevistas por meio de um roteiro de perguntas sobre o tema proposto neste trabalho.

Antes de realizar as entrevistas, buscou-se o contato da Coordenadora da escola, pois já havia uma aproximação devido à participação da pesquisadora no PIBID⁹ e foi justamente nessa escola que as atividades subprojeto foram desenvolvidas. Assim, entramos em contato via *WhatsApp* para dialogar a respeito da possibilidade de realizar esta pesquisa com algumas das professoras da escola. A resposta obtida foi: “[...] irei ver direitinho a possibilidade, pois

⁸ Roteiro de perguntas se encontra no apêndice.

⁹ Programa de Iniciação à Docência. Onde estive contato diretamente com escola, vivendo essas experiências na sala de aula e também tinha processo de formação na UFRB, onde compartilhávamos nossas experiências.

estamos em adaptações, resolvendo coisas do Conselho de Classe”. Diante dessa resposta, aguardamos e posteriormente a conversa foi retomada, buscando, nesse segundo momento, explicar mais detalhadamente como funcionaria a pesquisa e foi solicitado que fosse vista com as professoras a possibilidade de realização da pesquisa, destacando a importância e relevância da mesma. Após essa conversa, a Coordenadora entrou em contato dizendo que seria possível a realização da entrevista e solicitou maior detalhamento da mesma e o agendamento de uma data. Assim foi feito, apresentamos a proposta do trabalho, o tema, problemática e objetivo geral.

Vale ressaltar, que devido à demora do retorno da Coordenadora da escola, houve a preocupação de as professoras da instituição não poder fazer a entrevista. Diante dessa preocupação, foi vista a possibilidade com outras professoras alfabetizadoras. Nessa nova possibilidade, buscamos por professoras que estivesse atuando no momento atual, pois teria uma consistência melhor de relatar tais desafios enfrentados frente a essa tarefa de alfabetizar.

Na busca por novos profissionais, entramos em contato com uma professora alfabetizadora por meio de uma rede social e obteve-se a seguinte resposta de x¹: *“como é essa pesquisa?”* Porque a mesma afirmou que, *“que nesse ensino remoto tem tomado mais tempo ainda da vida da gente sabe, em questão de planejamento e organização, muita coisa para agente dá conta, aí por isso que eu te perguntei, a questão de como é a pesquisa, porque assim eu sempre gosto de participar, mas assim, eu quero saber direitinho como vai ser se vai ser online, o que que vai acontecer”* (x¹ 2021).

Desta forma, foi solicitada a explicação da pesquisa e após os esclarecimentos, informou que era sim alfabetizadora e que tinha domínio para falar e tinha experiência vivida, que já tinha seis anos trabalhando com alfabetização e que sempre trabalhou com turmas do primeiro ano, segundo ano e até o terceiro ano, porém, no ano do contato, estava atuando na Educação Especial, trabalhando com crianças de baixa visão. Então, perguntou se poderia ser assim, se não pudesse, indicaria outra pessoa.

A resposta dada foi repassada para a orientadora deste trabalho que indicou que seria interessante ser alguém que estivesse na atuação da alfabetização.

Na segunda tentativa, falamos com a outra professora a x². Mais uma vez foi explicado como funcionaria o trabalho, no entanto, a mesma pontuou que no momento não estava trabalhando em nenhuma instituição, que estava trabalhando em casa com reforço escolar. Ciente do

perfil da professora que buscava para a pesquisa, **“Professoras alfabetizadoras que estivessem trabalhando no atual momento”**, expliquei que as professoras, que pretendiam entrevistar, teriam que estar atuando no momento atual. Na conversa, a mesma demonstrou muito interesse em participar, dizendo, seria um prazer fazer parte dessa pesquisa, mas “[...] *minha área não é alfabetização, eu já trabalhei, mas foi em uma sala multisseriadas numa escola no campo, em um projeto, ou seja, crianças em vários níveis de escolaridade. Pode ser assim? Se poder eu faço sim.* A resposta dada a mesma é que teria que ser alguém que estivesse fazendo essa prática nesse processo de alfabetizar, independente de instituição ou não. Diante da resposta, falou que se não pudesse, que teria colegas na área e que poderia indicar. Essa dificuldade de encontrar profissionais para participar da pesquisa, fez com que aumentasse a preocupação da conclusão desse trabalho. Por fim, agradecemos as professoras por sua atenção e disponibilidade em querer contribuir para a minha pesquisa.

Essa busca de solução para a realização da pesquisa de campo começou quando tentamos, novamente, o contato com a coordenadora da instituição de ensino. Como dito anteriormente, nesse novo contato foi solicitado que fosse explicada a pesquisa e assim foi feito. A partir daí, confirmou-se que a professora aceitaria fazer a entrevista, neste caso, só havia com uma professora em vista; a partir desse primeiro contato, perguntamos se não tinha outra professora e a mesma conseguiu também contato outra professora. Assim, tínhamos conseguido os dois contatos para o desenvolvimento da pesquisa.

Nesse mesmo dia, mandamos mensagens para as duas professoras, lembrando que não foi do jeito que buscávamos, queríamos um contato pessoal, mas elas estavam impossibilitadas, e também devido ao momento pandêmico, as coisas ficaram mais complicadas. O interessante destacar que as professoras são da mesma instituição de onde sucedeu a inquietação em pesquisar sobre a temática em pauta a **“Alfabetização”**. Agora, já em conversa com as professoras, por meio de áudio, foi explicado tudo sobre a pesquisa, o tema, a problemática e o objetivo geral.

Depois desse contato, de forma imediata P¹ respondeu em áudio dizendo que, *“seria um prazer fazer parte dessa contribuição”*, diante de toda as dificuldades enfrentadas até aqui, essa então foi a melhor a resposta tivemos naquele momento. Logo depois, P² também me respondeu, por meio de uma mensagem escrita no celular, que *“sim”*, sendo objetiva. Com isso, perguntamos para as professoras como ficaria melhor para elas, para eu fazer a

entrevista, elas pontuaram que seria melhor pelo WhatsApp, devido ao momento pandêmico e também por tem uma que reside em Santo Antônio de Jesus-Ba, ou seja, as perguntas seriam feitas pelo WhatsApp através de áudios e elas responderiam em áudio também.

A partir disso, organizamos as documentações referentes ao o termo de consentimento tanto das entrevistadoras quanto da instituição e fizemos os encaminhamentos para as professoras e para a coordenadora da escola, enviando por via e-mail o termo para elas assinarem e também para reforçar mandei pelo WhatsApp.

Neste momento, fiquei no aguardo delas dizerem o dia que poderiam fazer a entrevista, pois pontuaram que naquela semana estavam atarefadas com as coisas da escola. Esperamos alguns dias, após esse período, entramos, novamente, em contato com as professoras sobre a possibilidade da realização da entrevista e uma delas destacou: *“estou muito sobrecarregada, tenho conselho de classe, tenho reunião com coordenação, tenho caderneta para fechar, enfim, dentre outras coisas”*. Diante do momento que estamos vivendo, compreendemos todas as demandas das professoras e, assim, aguardamos a disponibilidade das professoras. Como a preocupação para concluir este trabalho, alguns dias depois, após essa resposta, fiz um novo contato explicado a situação de estarmos com o tempo apertado e dependia dessas entrevistas para concluí-lo. Após essa conversa, obtivemos a seguinte resposta de P¹: *“minha flor, farei o possível para falar contigo daqui para amanhã”*, e a outra professora P² falou: *“eu tô com muita coisa, trabalho pra corrigir, planejamento, reunião, dentre outras coisas”*. Diante da resposta de P², voltamos a explicar a situação, a mesma, diante disso, entendeu e disse que logo retornaria o contato.

Depois de tudo isso, a entrevistas foram marcadas, uma pela manhã outra pela tarde, chegamos a cogitar a possibilidade de realizá-las pelo Google Meet, mas as professoras disseram que estavam com o tempo corrido, estavam em casa, e que por celular se sentiriam mais à vontade. Então fizemos por celular via WhatsApp, onde fazíamos a pergunta em áudio e elas respondiam também por áudio, o que elas não entendiam, explicávamos de novo. Na conclusão das entrevistas, agradecemos a participação na pesquisa e pedimos desculpas pelo pouco tempo para que elas dessem o retorno. Desse modo, fui retribuída da mesma forma nos seus agradecimentos. Nessa conclusão do procedimento, iniciamos ouvindo os áudios e transcrevendo cuidadosamente o que cada um falava, colocando as narrativas neste trabalho para análise.

IV AS PROFESSORAS ALFABETIZADORAS EM CENA: CONCEPÇÕES E DESAFIOS

Neste capítulo, dedicaremos nossos esforços a analisar os dados levantados através da entrevista, articulando os dados empíricos aos estudos priorizados nesta pesquisa. Dois tópicos são aqui contemplados, o primeiro destaca as concepções sobre alfabetização e os processos de construção da leitura e da escrita das professoras investigadas e o segundo se debruçará sobre os desafios enfrentados na prática de alfabetizar.

4.1 CONCEPÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E OS PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA LEITURA E DA ESCRITA

Buscando compreender os processos da alfabetização da leitura e escrita e as concepções das alfabetizadoras, destacaremos a importância frente a essa tarefa de alfabetizar, consolidando que o ensino e aprendizagem são desenvolvidos através de construções de práticas de ler e escrever. Sendo assim, esse tópico propõe compreender as concepções das professoras alfabetizadoras sobre alfabetização e os processos de construção da leitura e da escrita. Desse modo, nos convida a refletirmos sua concepção sobre a alfabetização.

Com relação à concepção de alfabetização, a professora P¹⁰ (2021), revela que:

Alfabetização é um processo de aprendizagem, onde pode ser desenvolvida as habilidades tanto de ler e escrever, em uma determinada série e idade de cada criança (P1, 2021).

A partir da primeira narrativa da professora P1, foi possível identificar que esse processo de alfabetizar se dá por meio de habilidades construídas pelos os sujeitos, ou seja, aprendendo a ler e escrever com autonomia e domínio. No entanto, na sua reflexão, a criança tem uma determinada idade e, conseqüentemente, a criança precisa estar no ano certo.

¹⁰ As narrativas foram transcritas na íntegra, no intuito de manter a originalidade das expressões ouvidas.

Notamos, assim, que em sua visão a criança tem uma idade ideal para a série estabelecida. Compreende-se que toda criança tem seu tempo de aprendizagem, cada uma vai apresentar um desenvolvimento dentro seu tempo estabelecido, sendo algo que acontece naturalmente, sem pressões e cobranças de que “tem que aprender a ler, já está atrasada, tem que saber escrever certo”. Nesse processo, entendemos que as pressões e cobranças, atrapalham na evolução educacional das crianças, uma vez que no processo de aprendizagem, é algo muito relativo, varia de criança para criança, muitas vezes não sabemos o contexto que se encontram, por isso é necessário ter esse olhar cuidadoso com sua aprendizagem, tanto por parte da família, quanto os pais. Assim, em conformidade com Soares (1985) o sujeito alfabetizado é aquele que sabe ler e escrever, tendo domínio e habilidades nesta tarefa.

Com relação essa reflexão, Emília Ferreiro (1985), diz que para a criança se alfabetizar ou estar alfabetizada é por esse viés da sua própria representatividade, referente ao ambiente que se insere, defendendo uma concepção de leitura de mundo e como as traduz; isso acontece antes mesmo de entrar na escola, uma vez que a criança já tem esses conhecimentos prévios de mundo dentro do seu contexto.

No que diz respeito ainda à concepção de alfabetização, a professora P² (2021) afirma que:

Alfabetizar – é ajudar, incentivar, buscar metodologias para auxiliar a criança a apropriar-se do que é de direito a alfabetização. O conhecimento através do trabalho realizado por um mediador onde a criança adquira domínio do alfabeto, habilidades desenvolvendo a coordenação motora, a leitura, a escrita, compreensão textual, aprender os numerais e saber que eles fazem parte do seu cotidiano e preparar-se para viver em uma sociedade com amor e desafios (P2, 2021).

Observa-se na narrativa da professora que esta coloca a necessidade de ter o domínio na alfabetização, ou seja, habilidades em manusear o alfabeto, enfatizando que através do reconhecimento de letras que é possível dominar os textos para assim fazer a elaboração da escrita e da leitura. As narrativas sobre esse conceito de alfabetizar, nos revelam as práticas das professoras, que estão firmadas na propriedade do reconhecimento das letras que acreditam que tem que ter. Nessa direção Soares (1998), afirma que se tivermos uma compreensão ampla sobre alfabetização não haveria necessidade de tanta busca por métodos, mas manter o funcional. É muito mais prático fazer o que dar certo do que reinventar outras metodologias. Já Ferreiro (1985) acredita que é possível repensar as práticas pedagógicas de

alfabetizar, de modo que considere os conhecimentos prévios das crianças. Entende-se que a alfabetização é um processo de desenvolvimento da leitura e escrita, logo passando a ter uma junção. Nessa perspectiva, a professora P1 afirma que:

A leitura e escrita eles são um processo que se complementam uma com a outra né... antes da criança aprender a ler e escrever, é necessário aprender a ler, pois os dois são importantes no processo de ensino e aprendizagem (P1, 2021).

A narrativa da professora (P1) enfatiza que tanto o ler quanto o escrever estão juntos, um precisa do outro, afirmando a importância que primeiro a criança aprende a ler e certamente escreve depois, ou seja, sendo necessário à apropriação de ambos. Conclui-se que para a professora, a alfabetização se resume apenas na dominação de ler. Todavia, Soares (2004, p. 435) complementa que, “uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever, uma criança letrada [...]”. Já a professora P2 aponta que “*através de metodologias diversificadas, atrativas e de forma lúdica que venha a favorecer a aprendizagem da criança*” (P2, 2021). Nessa perspectiva, professora evidencia que os processos de alfabetizar, se dão por meio de práticas diversificadas, isto é, aplicando metodologias que venham atrair os processos de leitura e escrita, preferencialmente, de forma lúdica. É pertinente pontuar que todas as intervenções que fazemos de forma lúdica são prazerosas para os alunos, sem contar que desse modo contribui bastante para estimular a criança a participar frequentemente das atividades realizadas na sala de aula.

Além disso, o mediador precisa ter a concepção do que é infância e do que é ser criança para daí compreender que a criança no ensino fundamental está em constante processo de descobertas, curiosidades, uma fase de desenvolvimento. Assim, no ensino conservador, o professor se interessa apenas em alfabetizar de forma rudimentar a criança, isso pode tanto matar essa curiosidade como provocar desinteresse da criança, além do mais fazendo com que a mesma não tenha o desejo de estar naquele ambiente. Os sujeitos, nesse período, de aprendizagem precisam ser atraídos, provocados, estimulados a se apropriarem da leitura e da escrita pelas suas diversas funções sociais.

A vista disso, ao professor alfabetizador lhe cabe uma tarefa que não é fácil, complexa, neste caso, no momento que estamos vivenciando reflete esses impactos na

aprendizagem do aluno, no sentido de por mais que esse professor se desdobre para alcançar o objetivo de mediar o conhecimento, ainda assim, pode não dar conta, não porque não queira, mas pela dinâmica da vida mesmo. Desta forma, ao se depararem com tais situações, nesse momento pandêmico, a educadora P1 revela que:

Diante desse momento pandêmico né, é pude vivenciar enquanto professora alfabetizadoras muitas dificuldades, entre uma delas, é a concentração dos alunos, porque eles estão em casa né, com problemas familiares, é, necessidade financeira, e a maioria dos alunos não consegue enfrentar essa situação e acaba se desmotivando né, eles acabam se desmotivando, eles acaba perdendo o interesse pelos os estudos e para mim a falta de acompanhamento dos pais foram uns dois principais dificuldades ainda mais no ensino e processo e aprendizagem de casa aluno (P1, 2021).

Ficou evidente na narrativa da Educadora P1 que após esse momento pandêmico foi possível analisar muitas questões acerca da aprendizagem da criança nas aulas remotas. Conseqüentemente, em sua narrativa se destaca a questão das dificuldades em estar ensinando o aluno por meio virtual, enfatizando pouca concentração, questões financeiras, no sentido de não terem o equipamento para assistir as aulas, pois têm famílias que contam com um único aparelho para todos.

Em face do exposto, não é difícil analisar a dificuldade deste contexto, tanto para o professor quanto para o aluno, são muitas informações novas para todos, inclusive as dos alunos que, para se adaptar ao novo ensino, foi preciso um processo de adequação. Nesse sentido, a professora P2 em sua narrativa é revelada que:

Muito difícil por ser de forma remota, porém nós professores tivemos que nos reinventarmos, principalmente porque tivemos que aprender muitos métodos relacionadas à tecnologia como: gravar aulas, preparar videoaulas, cards, conhecer programas e aplicativos, então foi um novo para a gente. Imagine para muitos pais que não tem paciência, não tem internet, aquele que possui um único aparelho na família e tem outros filhos com a mesma necessidade... e ai a gente começa a fazer um trabalho pelo celular, ligando individualmente, através de chamadas de vídeo, google Meet, grupo do WhatsApp, pedindo ajuda aos família e responsáveis trabalhando a distância um dia com materiais manipuláveis, na tela do Power point e graças a parceria da família da escola nós estamos tendo avanços significativos. Porém não é fácil...(P2,2021).

Nessa fala, são evidenciadas todas essas dificuldades desse período pandêmico, ficando óbvio que não são poucos os desafios enfrentados pelas professoras e que nesta carruagem de grandes obstáculos, também, incluem os pais, os alunos, ou seja, todos foram abalados por esse novo ensino. Desta forma, estão ainda se estruturando, se reenfiando-se a toda essa situação das aulas.

4.2 DESAFIOS ENFRENTADOS NA PRÁTICA ALFABETIZADORA

Como já mencionado anteriormente sobre os desafios, aqui ampliaremos melhor as experiências enfrentadas pelas as professoras frente ao desafio de alfabetizar. Esse momento é como se estivéssemos em uma montanha russa, com altos e baixos, vivenciando adrenalinas e emoções o tempo todo, sejam elas de medo ou incertezas, mas também acreditando em soluções melhores. Como diz Freire, “a prática docente crítica, implica do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2018, p.39). Portanto, “o processo de alfabetização é desafiador, tanto para o discente, que está sendo alfabetizado, quanto para o docente, a quem incube a responsabilidade de alfabetizar” (DIONIZIO, SOUZA, 2016, p. 2). Sob está afirmação, não é fácil alfabetizar, pois requer um preparo para essa demanda, referente a se qualificar profissionalmente, no entanto, nem sempre essa dinâmica dos conceitos ou apropriação dos teóricos são suficientes, pois inúmeras vezes precisamos nos reinventar e também reformular nossas práticas quando preciso for. Diante disso, P1 nos explana sobre a sua prática nos dizendo que:

É pela minha trajetória em classe alfabetizadora, considero significativa alfabetizar uma criança com as seguintes propostas: desenvolver a leitura e escrita do alfabeto, família silábica, para depois dá início á leitura, de leitura e escrita de palavras, a parti de um contexto, oh pró P¹, como assim a partir de um contexto? A parti dos conteúdos que estamos trabalhando, se estamos trabalhando com gênero textual poema, então a partir daquele poema, qual a palavra-chave, vamos se por “leilão de jardim” aí vou trabalhar a palavra jardim né.. e a partir dali jardim, qual é a letra inicial? Qual a letra final? Qual a família silábica da letra j né... é... qual é família silábica da letra d e aí a partir de um contexto é que começo alfabetizar a criança, trabalho a letra, trabalho a silaba, pra depois trabalhar a construção de palavras, escrita, formação de frases e assim sucessivamente...(P1, 2021).

Diante da explicação da professora P1 (2021) relacionada à sua prática e desafios, vemos que através da sua metodologia educacional para alfabetizar, são utilizados alguns métodos de ensino, como a leitura, explanado para as crianças de forma contextualizada, perguntando sobre o texto aos alunos e trazendo questões importantes como, por exemplo, o nome da história, o sujeito principal, os personagens, fazendo uma leitura pausada e assim perguntando as letras, vogais, consoantes, família silábica, dentre outros questionamentos que surgirem. Nessa direção, vemos que sua ideia se aproxima das ações provocadas por Magna Soares (2004), uma vez que defende uma alfabetização voltada para esta contextualização, em aplicar textos interpretativos, problematizando e refletindo assunto sobre o texto que desenvolver em sala. Na colocação da professora P2, comenta que:

Primeiro ter um olhar atento. Perceber o nível de leitura e escrita de cada criança, através de uma sondagem ou durante as atividades desenvolvidas no cotidiano. E partir desse resultado trabalhar com a criança de acordo o que ela sabe e as habilidades competências que elas precisam adquirir. Atividades diversificadas atendendo as especificidades de cada uma e de forma lúdica, trabalhando as letras do alfabeto, palavras e textos tudo forma contextualizada (P2, 2021).

Nota-se que a reflexão da professora já menciona um pouco sobre o pensamento de Magna Soares, quando a professora diz, “o nível de leitura e escrita de cada criança, através de uma sondagem ou durante as atividades desenvolvidas no cotidiano. E partir desse resultado trabalhar com a criança de acordo o que ela sabe e as habilidades competências que elas precisam adquirir” (P2, 2021). Nesse sentido, Soares (1985) nos diz que, “alfabetização em seu sentido próprio, específico: processo de aquisição do código escrito, das habilidades de leitura e de escrita” (SOARES, 1985, p.20).

Além dessas pontuações citadas sobre a prática, também é válido mencionar sobre os desafios dessa atuação. Com relação a isso a professora P1, esclarece os principais desafios para se alfabetizar nos pronunciando que:

Para mim os principais desafios são a falta de acompanhamento dos pais que é um dos principais, não ter adquirido as habilidades necessárias na educação na educação infantil, chega criança né... que não adquiriu aquelas habilidades que seria necessária é na educação infantil, porque a alfabetização não começa só do primeiro ano, começa do início que a criança começa a ir para escola, a minha percepção é essa. É dificuldades

com a leitura, decodificação de palavras, outras têm dificuldades em adquirir as habilidades de ler, escrever, soletrar devidamente isso é muito difícil para atingir a fluência esperada para a sua idade (P1, 2021).

Nesta conclusão da professora P1 (2021), analisamos como é difícil alfabetizar, não apenas sob o ponto de vista do trabalho pedagógico na escola, mas também por não terem esse suporte da família, suporte este, tão importante e necessário para a criança se alfabetizar. Logo, a professora aponta que, para ela, o processo de alfabetização acontece com as crianças desde o primeiro contato que a criança faz com a escola, concordando com Emília Ferreira (2001), que defende que a criança já inicia o seu processo de alfabetização antes mesmo de adentrar na escola, pois ela já faz a leitura de mundo.

As crianças passam por muitos desafios para alcançar algumas habilidades na alfabetização, conforme anunciado pela professora P2:

Sim. E de forma remota. São muitos os desafios. Como já citei acima. Desde a apropriação ao uso das tecnologias tanto por nós quanto pelos alunos como também aqueles pais que não atende o celular. Comprometendo o atendimento e o contato, mesmo a distância do filho. Outros que não ajudam os filhos a realizarem as atividades dos roteiros, entre outros (P2,2021).

A professora P2 (2021) reforça mais uma vez que o ensino remoto dificultou esse exercício da docência em ensinar. Nessa visão, “a realização do trabalho docente vai requerer ainda mais dedicação, pois, para alguns professores manusear os artefatos tecnológicos necessários ao ensino remoto é uma situação totalmente nova e neste momento tão delicado, é a única forma disponível para interagir com os alunos” (FERREIRA; FERREIRA; ZEN, 2020 p. 289).

Com esses desafios dos recursos tecnológicos, para alguns alunos está difícil saber lidar com as ferramentas, como o celular, além disso, os professores também passaram e passam por essa dificuldade e ainda têm pais que não conseguem acompanhar e contribuir com o processo de ensino pelos mais diversos motivos. Nesta reflexão, vemos que ainda precisa muito dessa participação da família se interessando, comprometendo-se a ajudar, pois entendemos que tanto a escola tem seu papel, quanto à família também. Não é saudável sobrecarregar somente a escola nesse processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao apresentarmos as considerações desta pesquisa, rememoramos toda a trajetória da investigação, considerando as concepções, percepções, conceitos, metodologias e desafios na tarefa de alfabetizar. E diante de toda a trajetória investigativa até aqui, uma certeza fica: a necessidade de sua continuidade de modo a compreender outros aspectos que esta pesquisa não deu conta, diante da amplitude de uma temática tão necessária e que carece cada vez mais novos estudos, reflexões e discussões.

Para que este trabalho ocorresse, fizemos algumas análises sobre as concepções e desafios deste professor alfabetizador caminhando no sentido de compreendermos melhor os processos enfrentados cotidianamente pelas professoras alfabetizadoras pesquisadas. Ao observamos as narrativas das professoras nesse exercício da prática da docência, percebemos o quanto é desafiador alfabetizar em todos os aspectos; assim, notamos diversos desafios enfrentados pelas professoras no seu fazer cotidiano, desde questões do ponto de vista metodológico, estrutural, familiar e da própria aprendizagem das crianças quanto ao domínio do sistema alfabético de ensino.

Reconhecemos então, que uma das funções da escola, é o processo de ensino técnico-pedagógico, tendo a colaboração da família no acompanhamento destas. No entanto, conforme podemos observar nas narrativas das professoras, alguns pais não têm conseguido acompanhar nem tampouco criar possibilidades no cotidiano doméstico para que as crianças possam realizar as atividades solicitadas. Existem aqueles que não têm condições por diversos motivos, mas tem outros que não conseguem compreender a relevância do seu papel na vida escolar dos seus filhos.

Neste percurso, foram muitos teóricos compartilhando suas ideias e conceitos, firmando reflexões sobre o processo de alfabetizar. Compreendemos que a partir das falas, esses desafios são fortemente marcados nas suas vivências que precisam ser reformuladas e construídas, no qual relevantes práticas se aproximem para atender as expectativas da aprendizagem da criança.

Desta maneira, percebemos que a demanda de alfabetizar é extensa e complexa e para além da necessidade de maior relação família/escola, outros desafios são postos pelas professoras alfabetizadoras. No entanto, existem inúmeras possibilidades pedagógicas que podem contribuir para a qualificação do processo de construção da leitura e da escrita. Estas poderão ser melhor estudadas em pesquisas posteriores, pois merecem lugar de centralidade no cenário alfabetizador. Por tudo isso, acredita-se que este trabalho venha colaborar de forma significativa no processo de alfabetização, sobretudo neste contexto tão desafiador que é alfabetizar em tempos de pandemia. Além disso, entendemos a importância da continuidade de estudos desta temática que é tão cara para a Pedagogia e para os cursos de formação de professores.

Espera-se que esta pesquisa possa alcançar professores alfabetizadores e que contribua para melhor compreensão sobre os desafios enfrentados no seu fazer cotidiano, além disso, que possa promover motivações para novas pesquisas com um viés que dialoguem com a temática aqui pautada. Pensar e repensar a alfabetização é urgente e deve ser colocado na ordem do dia das pautas da educação do país.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Jullyane da Silva [et al]. **A Importância da Família no Processo Ensino Aprendizagem dos Alunos das Series Iniciais do Ensino Fundamental. 2016.** Disponível em: Acesso em 19 de agosto de 2021.

<http://docplayer.com.br/71299134-A-importancia-da-familia-no-processo-ensino-aprendizagem-dos-alunos-das-series-iniciais-do-ensino-fundamental.html>

BONI, Valdete; QUARESMA, Silva Jurema. **Aprendendo a entrevistar:** como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese. Vol.2, nº 1 (3), p. 68-80, Janeiro-julho/2005.

BORDIGNON, Lorita Helena Campanholo, PAIM, Marilene Maria Wolff. **Alfabetização no Brasil: Um pouco de História.** Revista em Educação em Debate, Fortaleza, ano 39, nº 74 – jul/dez. 2017.

BOTO, C. Apresentação. In: MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). **Alfabetização no Brasil: uma história de sua história.** São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011. p. 1-8.

BRITO, Edna. **Prática pedagógica alfabetizadora: a aquisição da língua escrita como processo sociocultural.** *Revista Iberoamericana de educacion.* ISSN: 1681-5653 n.º 44/4 – 10 de noviembre de 2007 EDITA: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI)CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. *Revista Portuguesa de Educação.* Vol. 16. nº 002, p. 221-236. 2003.

CAGLIARI, Luís Carlos (1999): **Linguística e alfabetização.** São Paulo: Scipione.

CAVALCANTE, Juliana Brito de Araújo. História da alfabetização no Brasil: do ensino das primeiras letras à psicogênese da língua escrita. In: II CONBAlf Congresso Brasileiro de Alfabetização. n. 2, 2015, Pernambuco. Comunicação científica. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/783055/hist%C3%B3ria-da-alfabetiza%C3%A7%C3%A3o-no-brasil-do-ensino-das-primeiras>. Acesso em 20 de setembro de 2021.

DIONIZIO, Jheimlly Ane Fogaça, SOUZA, Raysa Zella de. Os desafios do processo de alfabetização. Formação de professores: Contexto, sentidos e práticas. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação- SIRSSE, VI Seminário Internacional sobre Profissionalização Docente (SIPD/CÁTEDRA UNESCO), 2016.

https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/27216_13769.pdf Acesso em 21 de Setembro 2021.

DUTRA, Carliana; SILVA, Pedro; BEZERRA, Silvaleno. **Desafios da prática pedagógica do professor da Educação Infantil.** Campina Grande, Vol. 1 Ed. 4, ISSN, 2015.

ESTRELA, Sineide Cerqueira; MARIA, Eurácia Barreto de Andrade. **As práticas e concepções de alfabetizações, letramento e infância.** - 1 Ed. – Curitiba, PR: crv.2015.

FERREIRA, Lucimar, FERREIRA, Lucia Gracia, ZEEN, Giovana. **Alfabetização em tempos de pandemia: perspectivas para o ensino da língua materna.** Vertente e Interfaces. Fólio – Revista de letras Vitória da conquista V. 12, N2 jul. Dez. 2020.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** Editora Cortez. São Paulo. 1993.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua escrita.** Tradução de Diana Myriam Liechtenstein, Liana Di Marco, Mario Corso. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** Tradução Horácio Gonzales (et, al). 24.ed.atualizada- São Paulo: Cortez, 2001.- (Coleção Questões da Época; v.14).

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** Traduzidas de Maria Zilda da Cunha Lopes; retradução e cotejo de textos Sandra Trabucco Valenzuela. – 10. Ed. – São Paulo: Cortez, 2001. Biblioteca da Educação – Série 8 – Atualidade em educação – v.2)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Em três artigos que completam. São Paulo: Cortez 1988.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** Em três artigos que se completam. Cortez editora. 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários á prática educativa.** 2ªed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa/ 56ª ed. - Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 6 ed. São Paulo: Altas, 2009.

LAKATOS, M, E. MARCONI, A, M. **Fundamentos de metodologia científica.** 7.ed.- São Paulo: Altas,2010.

LUSTOSA, F, G, **Sobre alfabetização e letramento: Partilhando algumas reflexões,** Doutora em Educação/ UFC, professora do Curso de Pedagogia da UFRN/CERRES. 1980.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Os sentidos da alfabetização.** São Paulo: Editora UNSP: CPNED, 2000.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/alf_mortattihisttextalfbbr.pdf. (Acesso em 17 agosto de 2021)

MORTATTI, M. R. L. **Os sentidos da alfabetização**: São Paulo – 1876/1994. São Paulo: Ed. UNESP: Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000; e _____. Educação e letramento. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. **Alfabetização do Brasil: uma história: de sua história**. São Paulo: Ed. Cultura Acadêmica, 2011.312p.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Coleta de dados e instrumentos de pesquisa**. 1999,p. 94. Disponível: Acesso em 21 de Setembro de 2021. https://docente.ifrn.edu.br/andreacosta/desenvolvimento-de-pesquisa/tecnicas-de-coletas-de-dados-e-instrumentos-de-pesquisa#:~:text=%E2%80%9CEncontro%20entre%20duas%20pessoas%2C%20a,94).

MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. **O pensamento de Emília Ferreiro sobre alfabetização**. Revista Moçambros: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa, São Paulo, ano 1, n. 2, 2007. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/6115/ca95cce3090de6933f521855b37e6ff29ba6.pdf> Acesso em 04 de setembro 2021.

MINAYO, Maria Cecília Souza. **O Desafio da Pesquisa Social**. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012a.

MINAYO, Maria Cecília Souza. Trabalho de Campo: Contexto de Observação Interação e Descoberta. In: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2012b.

PAIVA, J. M. de. **Educação jesuítica no Brasil colonial**. In: LOPES, E. M. T; FARIA Filho, L. M; VEIGA, C. G. (Orgs). 500 anos de educação no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PIRES, Maria; FERREIRA, Lúcia; LIMA, Daniel. **Alfabetização, Professor Alfabetizador e Prática Pedagógica**. Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura Ano 06 n. 13- 2º semestre de 2010 – ISSN 1807- 5193.

RAMEH, L; ARAUJO, M, S; **Letramento e alfabetização na perspectiva do pensamento Freire**, In: Rameh, L; ARAÚJO, M.S. (Orgs). Aprimorando-se com Paulo Freire em alfabetização e letramento. Recife, Bagaço Edição, 2006, p.15-36

SANTOS, Beatriz. **Saberes e fazeres mobilizados por uma professora alfabetizadora: análise de práticas pedagógicas bem-sucedidas**, 2019.

SAVIANI, Demerval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010. (Coleção Memória da Educação).

SGANDERLA, A. P.; CARVALHO, D. C. **A psicologia e a constituição do campo educacional brasileiro**. *Psicologia em Estudo*, v. 15, n. 1, p. 107-115, jan. /mar. 2010.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. *Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação*. 4 ed Florianópolis, SC: UFSC,2005.

SOARES, Magna. **As múltiplas facetas da alfabetização**. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo (52): fev. 1985.

SOARES, Magna. **Letramento: um tema três gêneros**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.125p.

SOARES, Magna. **Letramento e alfabetização: As muitas facetas**. p 14. *Revista Brasileira de Educação*. Poços de Caldas, MG, de 5 a 8 de outubro de 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/89tX3SGw5G4dNWdHRkRxrZk/?lang=pt#>. (Acesso em 11 de agosto 2021.)

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2004.

SUZANA, Schwartz. **Alfabetização de jovens e adultos: teoria e prática**. Petrolina, RJ: Vozes, 2010.

TEBEROSKY, Ana, Cardoso, Beatriz. (Orgs.) **Reflexões sobre o ensino da leitura e da escrita**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas: Petrolis: Vozes, 1993.

TFOUNI, L.V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez, 1995.

VIGOTSKI, L. S. (1998): **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos superiores**. São Paulo: Martins Fontes.

APÊNDICES



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Prezados (as): Solicito sua participação voluntária na pesquisa intitulada: O processo da leitura e da escrita na alfabetização: desafios das professoras alfabetizadoras de minha responsabilidade, Elissandra Félix Dos Santos Medrado graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral. Compreender as concepções e desafios enfrentados pelas professoras no processo de alfabetização das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. O(s) procedimento (s) adotado (s) ser (ão) através de entrevista e pesquisa de campo.

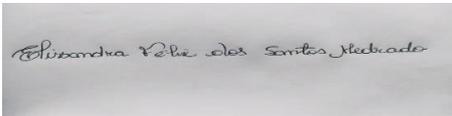
A qualquer momento, os colaboradores poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação. Eu estarei apta a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos e da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo das participações. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados.

Aceite de Participação Voluntária

Nós abaixo relacionados, declaramos que fomos informados dos objetivos da pesquisa acima, e concordamos em participar voluntariamente da mesma. Sabemos que a qualquer momento podemos revogar este Aceite e desistirmos de nossa participação, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaramos, também, que não recebemos ou receberemos qualquer tipo de pagamento por esta participação voluntária.

Amargosa - Bahia, 26 de Agosto de 2021.



Graduanda

Colaboradores Voluntários

NOME	ASSINATURA



CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO INSTITUCIONAL

Prezado (a) Senhor (a):

Solicito sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado: O processo da leitura e da escrita na alfabetização: desafios das professoras alfabetizadoras, de minha responsabilidade, Elissandra Félix Dos Santos Medrado, graduando (a) da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), do Centro de Formação de professores (CFP) Amargosa - Bahia. Este projeto tem como objetivo geral: Compreender as concepções e desafios enfrentados pelas professoras no processo de alfabetização das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, elegemos a metodologia de enfoque qualitativo, sendo o trabalho configurado como Estudo de Caso. Escolhemos como técnicas de coleta de dados a entrevista.

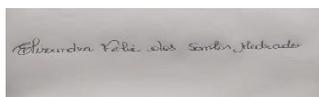
A qualquer momento, os(as) senhores(as) poderão solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado e, sem qualquer tipo de cobrança, poderá desistir de sua participação.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação da monografia, contudo, assumo a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereços e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. Os bancos de dados gerados pela pesquisa só serão disponibilizados sem estes dados. Na eventualidade da participação nesta pesquisa causar qualquer tipo de dano aos participantes, comprometo-me a reparar este dano, ou prover meios para a reparação. A participação será voluntária, não forneceremos por ela qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Eu, _____, responsável pela instituição, declaro que fui informado dos objetivos da pesquisa acima, e concordo em autorizar a execução da mesma nesta Instituição. Sei que a qualquer momento posso revogar esta Autorização, sem a necessidade de prestar qualquer informação adicional. Declaro, também, que não recebi ou receberei qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Amargosa - Bahia, 26 de Agosto de 2021.



Graduanda

Responsável Institucional



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAHIA

CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Título da Pesquisa: O processo da leitura e da escrita na alfabetização: desafios das professoras alfabetizadoras

Pesquisadora: Elissandra Félix dos Santos Medrado

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Maria Eurácia Barreto de Andrade

ROTEIRO DE ENTREVISTA

IDENTIFICAÇÃO/CARACTERIZAÇÃO DAS PROFESSORAS

Nome Fictício: _____ Idade: _____
 Estado civil: _____ Tem filhos? Se sim, quantos? _____
 Formação: _____ Tempo de atuação na docência: _____
 Tempo de atuação na alfabetização: _____ Possui alguma formação
 continuada? Qual(is)? _____
 Gosta de alfabetizar? Por quê? _____

DADOS SOBRE AS CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO DAS COLABORADORAS

O que você compreende por alfabetização? Fale um pouco sobre a sua concepção.

Em sua concepção como se dão os processos de construção da leitura e da escrita das crianças?

De acordo com as suas vivências enquanto professora alfabetizadora, quais as suas percepções sobre os processos alfabetizadores neste momento pandêmico?

DADOS SOBRE OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS COLABORADORAS PARA ALFABETIZAR

Pela sua trajetória nas classes de alfabetização, descreva brevemente aspectos que considera significativos na sua prática alfabetizadora. Como alfabetiza suas crianças?

Diante de toda a sua vivência nas classes alfabetizadoras, existem muitos desafios para a construção do processo de alfabetização? Se sim, quais os principais?

Muito obrigada pela colaboração nesta pesquisa!